RÁDIO
CINEMA
MÚSICA
NOVIDADES


BIBLIOTECA NACIONAL
Rio
de
Janeiro

A CENA muda

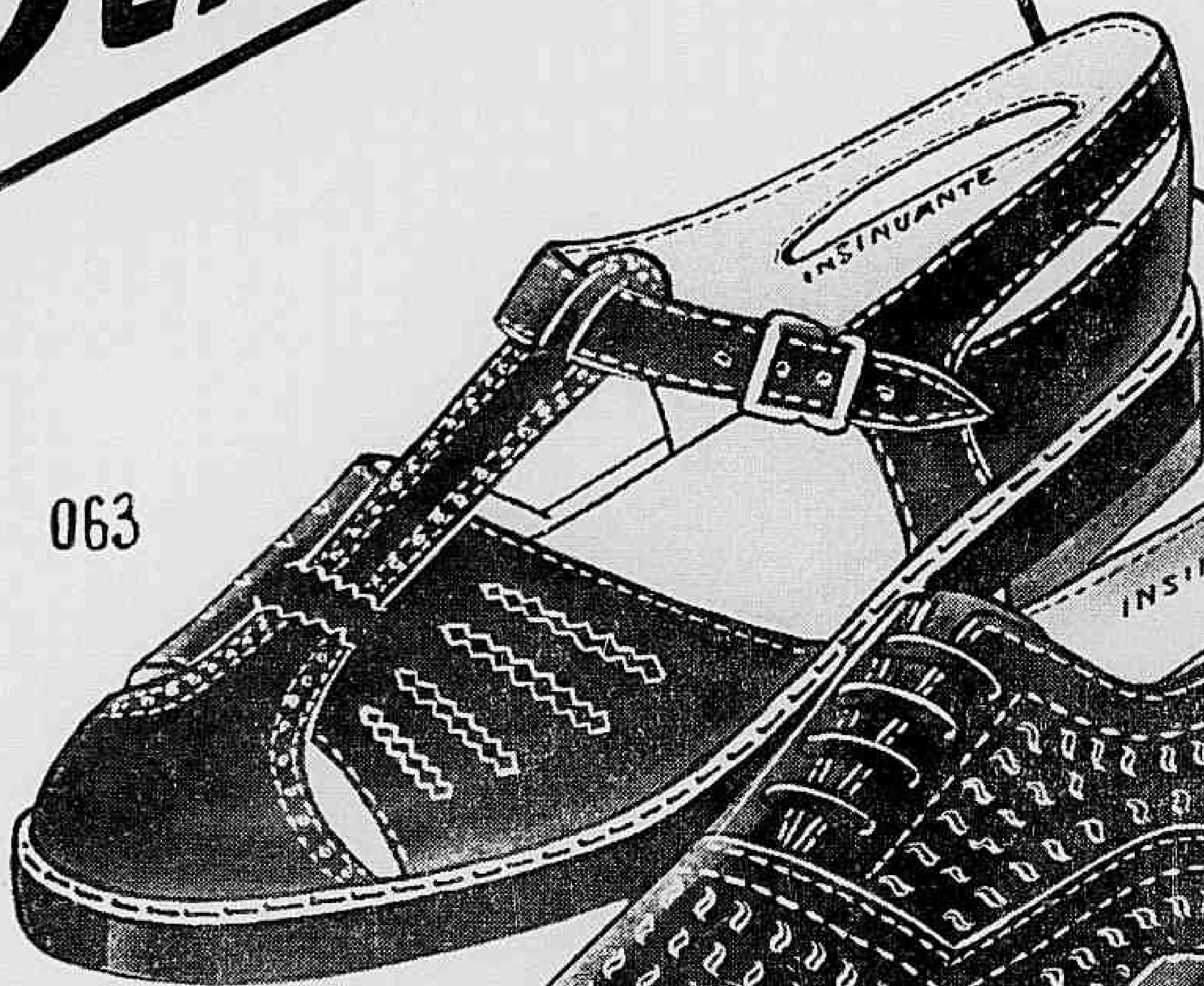
N.º 4 ★ 25-1-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil



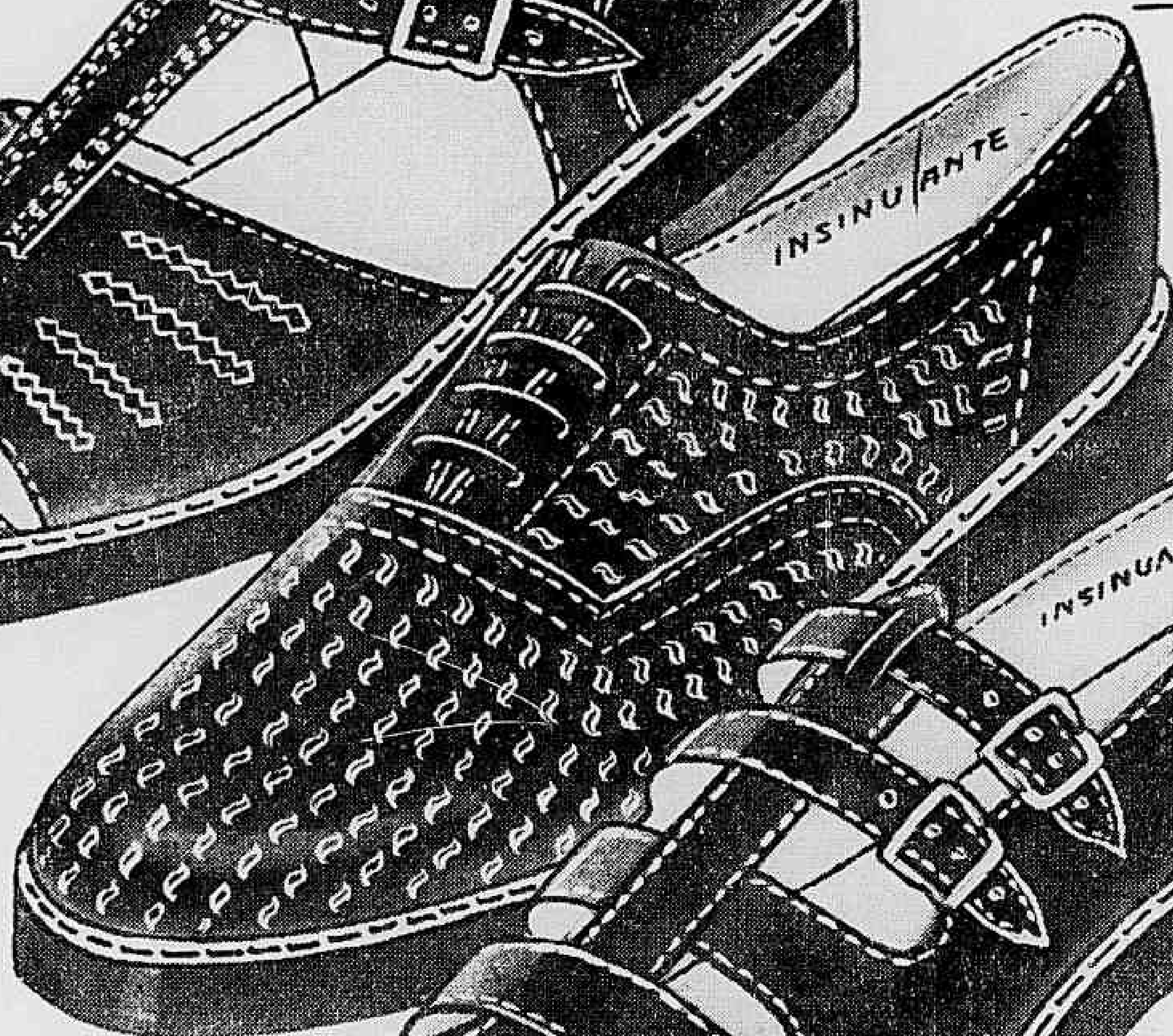
BEM SERVIR

CARACTERISTICO INCONFUNDIVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE !

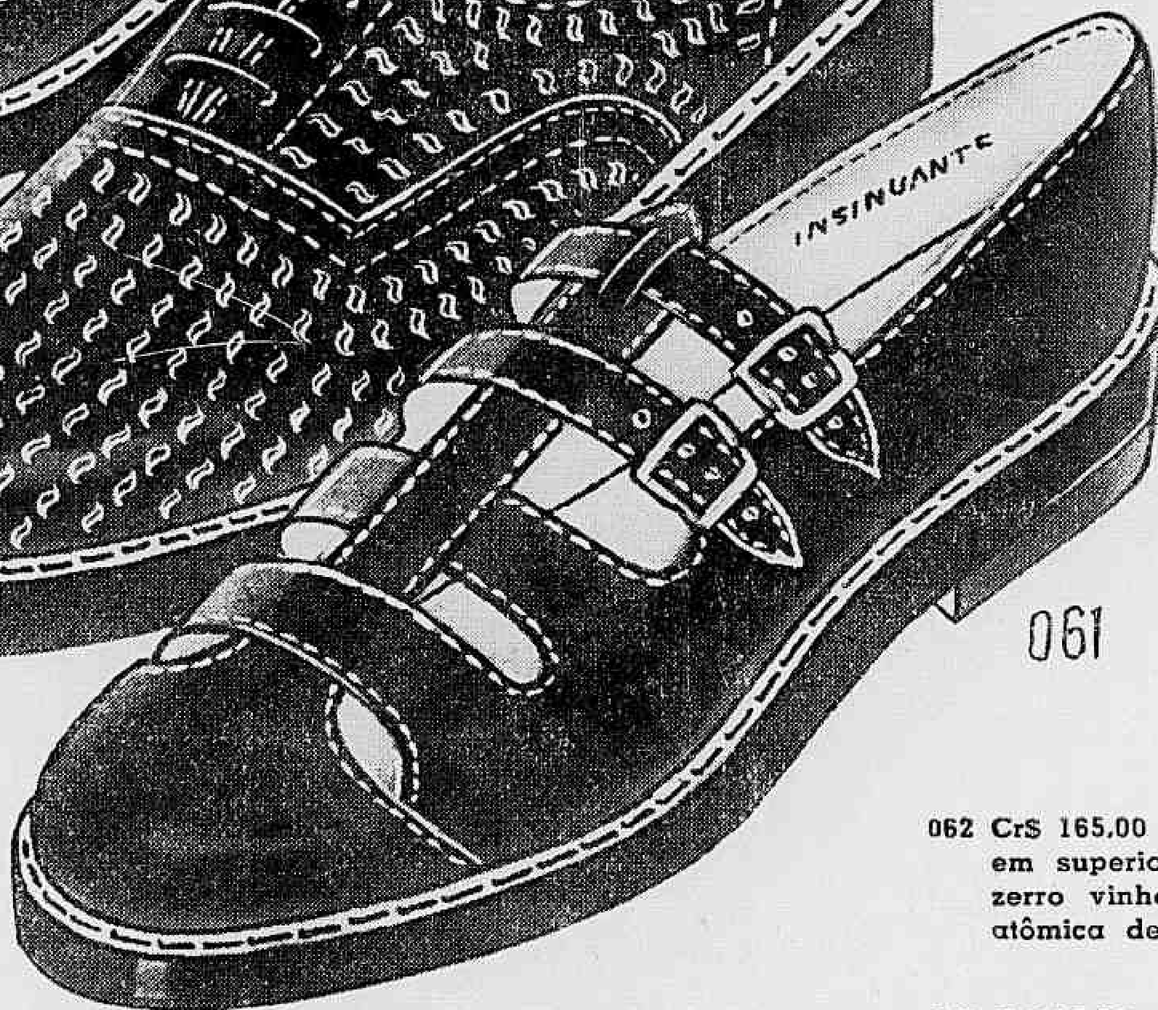
AT. SEMOG.



063



062



061

061 Cr$ 145,00 Superior sapato-sandália, genuinamente másculo, em superior bezerro vinho, com salto de borracha. Núm.: de 36 a 44.

062 Cr$ 165,00 Otimo sapato, muito confortável, em superior camurça branca, ou ótimo bezerro vinho ou marron. Sola de borracha atômica de puro latex. Núm.: de 36 a 44.

063 Cr$ 95,00 — 125,00 e 145,00. Respectivamente de 28 a 33, de 34 a 36 e de 37 a 44. Formidável sapato-sandália em superior bezerro vinho ou beje, com salto de borracha.

Uma galeria à sua disposição com água geladinha sempre às suas ordens.

Porte para todo o Brasil, 5 cruzeiros. Não trabalhamos com reembolso.

insinuante

devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

CARIOCA, 46-48 — SETE SETEMBRO, 199-201

A CENA MUDA

ANO 30 ★ Nº 4 ★ 25-1-51

SEMANARIO DE ARTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Enderêço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Enderêço telegráfico: "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 140,00; Semestral (26 números), Cr$ 70,00. Registrada: Anual, Cr$ 170,00; Semestral, Cr$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 270,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

A Redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados

★

Representante em São Paulo: A Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69, Telefone: 4-1569

CORRESPONDENTES EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THOMAS KEENE
CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

★

SUMARIO

Os melhores de 50 (Leon Eliachar) .. 3
Mala Powers, a última descoberta do cinema americano 4
A hora violenta (cine-romance) 6
Aviso aos navegantes (resumo) 8
Homenagem a Max Linder (René Jeanne) 9
Crepúsculo dos deuses (sinopse em quadros) 10
O naturalismo suéco (Alf Szembger) 12
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 14
Tim Holt (Close-up) 15
Cinzas ao vento (sinopse em quadrinhos) 16
Fantasias para o carnaval 18
Barricada (sinopse em quadros) 20
Crônica de Buenos Aires (Alberto Conrado) 22
Quais os melhores de 50? (enqute). 23
Rádio-Inquérito 25
Sugestão para o carnaval 26
Carnaval (letras de músicas) 27
O fugitivo de Santa Marta (resumo) 28
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Correio do Fã 33
Pausa para meditação 34
Notícias 34

CAPA:

DONA DRAKE
(Columbia)

OS MELHORES DE 50

NA página 23 desta edição, abrimos espaço, como fizemos no ano passado, para uma "enquête" que será realizada entre nossos leitores, para a apuração dos "melhores de 50", artistas, filmes, fotógrafos, músicos, etc. — tanto nacionais como estrangeiros. Nesta página, apresentamos o nosso voto, a fim de ilustrar ao leitor como proceder na remessa de sua resposta — sem se deixar, é claro, influenciar por nossa opinião, que divergirá, certamente, da de muitos fãs. Dentre tantos e tantos bons filmes no ano findo, nossa escolha recaiu sôbre os seguintes:

E S T R A N G E I R O S

FILME: "Ladrões de Bicicletas".
DIRETOR: Jules Dassin (Mercado de Ladrões e Sombras do Mal).
ATOR: James Cagney (Fúria Sanguinária).
ATRIZ: Eleanor Parker (À margem da Vida).
ATOR COADJUVANTE: Sam Jaffe (O Segrêdo das Jóias).
ATRIZ COADJUVANTE: Hope Emerson (À Margem da Vida).
FOTÓGRAFO: Max Greene (Sombras do Mal).
PARTITURA: Franz Waxman (Sombras do Mal).

N A C I O N A I S

FILME: "Caiçara".
DIRETOR: Watson Macedo (A Sombra da Outra).
ATOR: Anselmo Duarte (A Sombra da Outra).
ATRIZ: Eliane Lage (Caiçara).
FOTÓGRAFO: Chick Fowle (Caiçara).
PARTITURA: Francisco Mignone (Caiçara).

★

NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA:

O movimento do cinema brasileiro continua mais movimento e mais brasileiro do que nunca. Só não é cinema, por enquanto. Vejam, por exemplo, êste caso curioso: depois que Fernando de Barros partiu para S. Paulo, a caminho da Vera-Cruz, tendo desmentido os "boatos" da saida de Cavalcânti daquela companhia, a noticia foi abertamente confirmada pelo próprio Cavalcânti. O "pivot" de sua deserção, segundo os boateiros, foi o próprio Fernando de Barros. E digam os incrédulos que os boatos não têm sempre um fundo de verdade...

★

Quanto a Cavalcânti, dizem, será de agora em diante produtor independente. Único obstáculo: falta de capital. Talvez seja por isso que deixará São Paulo pela Capital...

★

Consta que Anselmo Duarte, o galã n. 1 do cinema brasileiro, cujo contrato expirará em abril próximo, deixará a Atlântida para assinar compromisso com a Maristela. Dizem também que seu colega Oscarito recebeu interessante proposta. E como todos êsses "constas" acabam mesmo se realizando, vai daí...

★

Vão Gôgo escreveu seu primeiro enrêdo para a Maristela, o qual já foi cenarizado por Alex Viany. Muito breve terão inicio as filmagens. Preparem-se para rir.

★

A Maristela enviará ao Rio cêrca de 20 carros completamente equipados, a fim de filmar o Carnaval do Rio. O processo de comunicação será por meio de apitos. Sendo cinema, amigos, perdoamos a ausência da palavra...

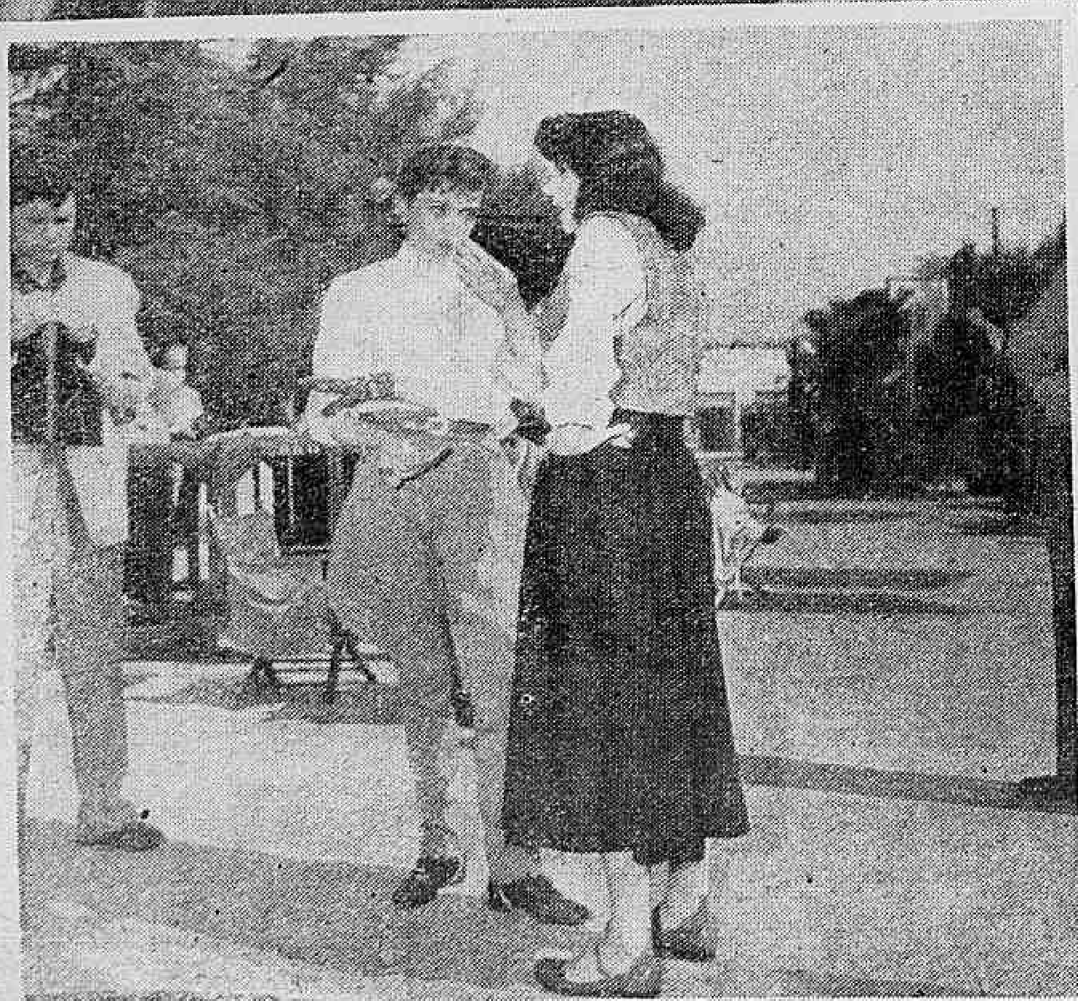
leon eliachar

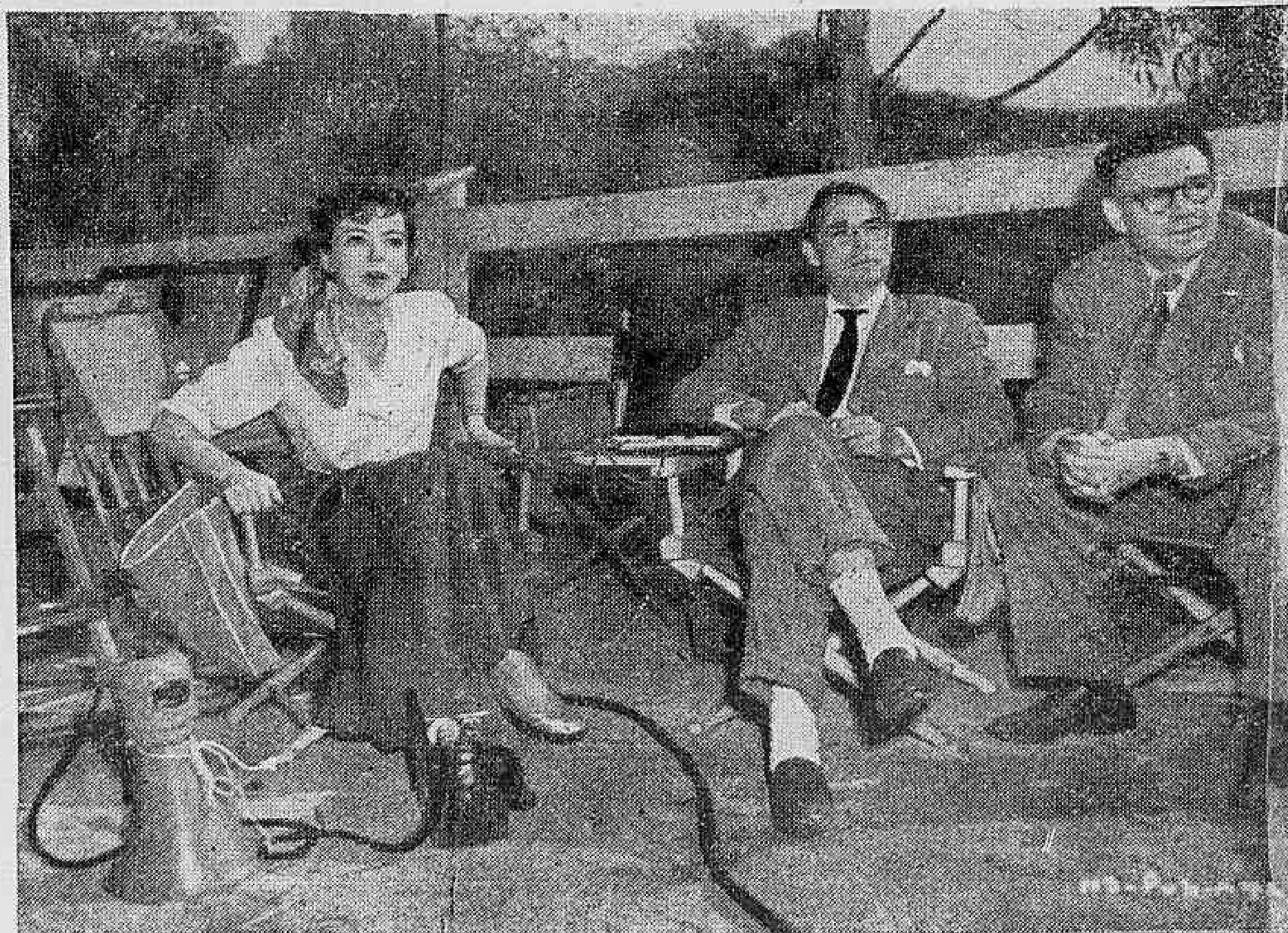
MALA POWERS

A ULTIMA REVELAÇÃO DO CINEMA AMERICANO!

QUANDO o produtor Samuel Goldwyn estava filmando sua grande produção "Our Very Own", uma jovem, linda e esbelta, que desempenhava o papel de uma pequena camponesa, chamou a atenção do experimentado diretor. A jovem pouco tinha a fazer na cena, em que apareciam outras camponesas, mas o pouco que fêz foi tão bem feito que impressionou vivamente o produtor. Assim, quatro meses depois, quando Goldwyn precisou de uma atriz jovem para o papel de namorada de Farley Granger, em "Edge of Doon", Mala Powers foi recordada pelo diretor e chamada para fazer o papel. Sob contrato com a RKO-Radio, ao ser chamada por Goldwyn, Mala tinha, pouco antes, terminado sua atuação em "Outrage", em que ela teve o principal papel feminino, sob a direção de Ida Lupino. Mala tem sòmente 18 anos, e a sucessão dos dois filmes representa um grande triunfo para a atriz novata. Nasceu em São Francisco, no dia 14 de novembro de 1931... E' filha de Del Powers, jornalista e professôra de arte dramática, e de George Powers, diretor de um sindicato de noticias. Ela se apresentou em público pela primeira vez quando tinha só sete anos, num recital de piano. Dois anos mais tarde, quando sua familia se mudou para Hollywood, Mala tomou parte em muitas obras de "teatro experimental"... Apareceu num filme quando tinha 10 anos, e tem estudado arte dramática, assiduamente. Com 16 anos de idade, foi a primeira figura de "Kiss and Tell", no Teatro de Passadena, conseguindo os maiores louvores da critica. A bela atriz tem 5 pés e 3 polegadas de altura, cabelos castanhos, olhos cinzentos, pesa 105 libras, e, naturalmente, ainda está solteira.

Ida Lupino, que dirigiu Mala Powers em «Outrage», declarou aos jornalistas que a pequena é realmente uma das maiores descobertas dos últimos anos. Aqui vemos Ida Lupino dando instruções e dirigindo uma cena do filme.

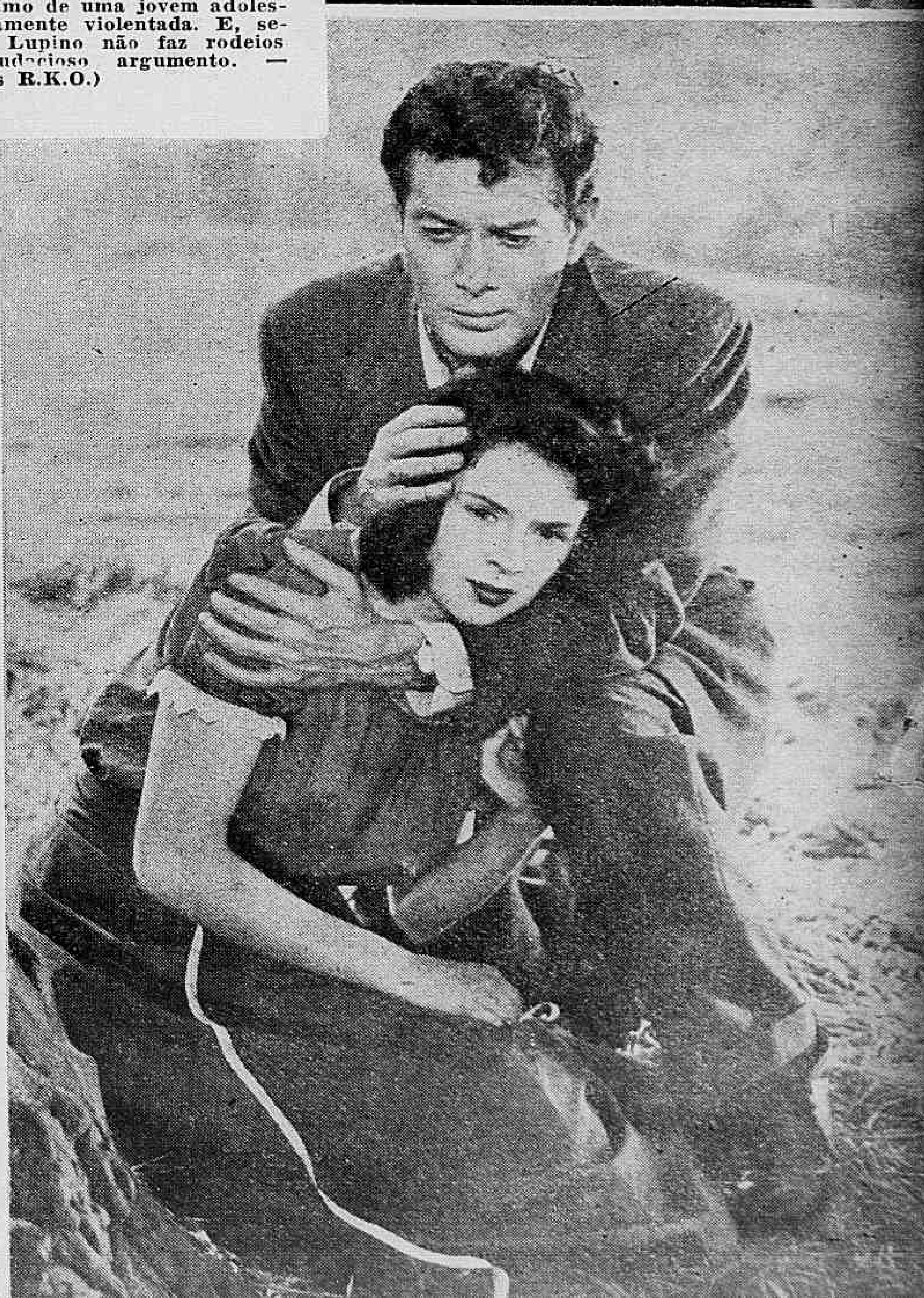






Em «O Mundo é Culpado» (Outrage) filme no qual Ida Lupino faz sua estréia como diretora, Mala Powers tem um desempenho digno das maiores trágicas da tela. A história, crua e real, conta-nos o drama íntimo de uma jovem adolescente que foi bàrbaramente violentada. E, segundo a crítica, Ida Lupino não faz rodeios para focalizar o audacioso argumento. — (Fotos R.K.O.)





(CINE - ROMANCE)

A HORA VIOLENTA

O dia já se despedira de Terminal City, uma progressiva cidade do meio-oeste, e à noitinha era exatamente como qualquer outra. Também nada de especial caracterizava o grupo de pessoas que se encontrava nas proximidades do Chuckle's Oásis nem no seu interior.

Uma das freguesas era a lourissima Freddy que, como de costume, curava a sua ressaca com os seus usuais três martínis, dispostos em sua frente. Em outra mesa, comemorando o seu gesto anual de desafio contra o editor de seu jornal, Harry Barnes afogava as suas mágoas num Sherry Flip — o limite alcoólico que as suas úlceras permitiam. Tomando desajeitadamente uma bebida que não estava acostumada a tomar, Helen — uma estenógrafa — olhava o seu companheiro, Earl, um vendedor casado, enquanto êle tomava o seu segundo "drink" e tentava alegrá-la um pouco. Mas, nervosa, cônscia de si, continuava com um ar de preocupação no rosto. Nada de incomum havia no bar. A sua atmosfera era a mesma que embalsamava milhares de outros bares no país.

Ao telefone, Skip, o jovem caixeiro do bar, ansiosamente procurava obter notícias de sua espôsa, que se encontrava no hospital, esperando a chegada de seu primeiro filho a qualquer momento.

Chuckles, o proprietário, cujo benigno cinismo era a causa de seu apelido (Esgar), admirava os seus fregueses desinteressadamente. As faces poderiam mudar, mas continuariam sempre sendo as mesmas. Exceto, talvez, o homem que se sentara no canto extremo do bar, e que tomava um "drink", parecendo querer tirar conclusões filosóficas dos goles que tomava. Que problema o preocupava? Chuckles se esqueceu dos outros fregueses e fitou os olhos fixamente no homem, enquanto êle olhava para a rua, como se estivesse procurando alguém. Talvez não fôsse nenhum problema filosófico que o preocupava, mas alguma coisa bem material... u'a mulher, por exemplo. *Contudo, êle era diferente.*

Com um suspiro, Chuckles voltou novamente a sua mente à insignificante e menos interessante conversa de seus fregueses usuais. Freddy se queixava da situação precária do aparelho receptor de televisão.

— De que adianta ter televisão se não se pode nem ao menos vê-la? — demandou ela.

— Você acha que alguém quer ter? — retrucou àsperamente Chuckles, enquanto mexia nos botões do dial. — O sujeito que o instalou cobrou-me mil e quatrocentos dólares. Botão para contrôle de fotografias, imagem refletida, tela de ¾ pés. E o que se recebe? Lutadores!

— Não diminua os lutadores, Chuckles — disse Harry, tamborilando o copo com seus dedos acostumados a bater nas teclas de u'a máquina de escrever. — Êles meramente ilustram uma sociedade, na qual todos nós vivemos. Somos todos lutadores. Tôda a gente tenta arrancar os miolos dos outros.

O seu penoso pensamento foi interrompido pelo tilintar do telefone. Skip pulou para atendê-lo, supondo que fôssem notícias de sua espôsa. No entanto, era o jornal de Harry que o estava procurando. Houvera um crime no ponto-final do ônibus e o editor desejava que êle explorasse o assunto. Harry fêz um sinal para Skip, pedindo-lhe que dissesse não se encontrar êle no bar. Harry não era mais, acentuou, um membro do Quarto Estado e quando a oportunidade se apresentasse o editor seria convenientemente informado. Enquanto isso, êle tomaria mais um Sherry Flipp.

Claro, era exatamente como qualquer outro bar. A mesma conversinha. Os mesmos fregueses.

★

No entanto, em outra parte da cidade, o intricado corpo policial de detenção criminal tomava conhecimento de mais um evento que, de maneira alguma poderia ser considerado como igual aos outros. Um chofer de ônibus fôra assassinado por um passageiro, enquanto o ônibus estava estacionado no ponto-final. Roubara o revólver escondido atrás do pára-brisas do ônibus, matando o chofer quando perguntara a que horas o carro voltaria e fugira incólume, imiscuindo-se na multidão.

O ponto de ônibus era agora uma cena de frenética atividade. Grupos de pessoas comentavam em voz baixa os detalhes do horrível crime; detectives interrogavam os outros passageiros; peritos policiais procuravam algo que pudesse dar uma pista; repórteres ouviam detalhes de conversas e corriam para o mais próximo telefone. Quando se descobriu mais tarde que um homem fugira do Hospital da Cidade, para criminosos dementes, procuraram-se fichas de seu passado e se exibiram fotografias suas aos passageiros. O homem era Gunther Wyckoff, criminoso paranóico e foi idêntificado como o criminoso...

Helen e Earl conversavam quando a imagem da televisão desapareceu, para dar lugar a um letreiro que dizia: — "Boletim policial. Urgente."

Quando o locutor deu os detalhes da fuga de Wyckoff do Hospital do Estado, os fregueses do Oásis nem ao menos se moveram para olhar para o receptor de televisão e simplesmente continuaram os seus "drinks" e prosseguiram conversando.

"O homem que atirou no chofer de ônibus, matando-o na estação da rua Orchard, hoje à noite, foi identificado como sendo Gunther Wyckoff, fugitivo da policia." Chuckles bocejou, à medida que olhava para a tela do aparelho, no momento exato em que duas fotografias do criminoso eram mostradas. Freddy o chamou neste momento, pedindo mais um "drink". Chuckles continuou calmo, enquanto o locutor prosseguia:

"Desumano, perigoso assassino. Continua à sôlta em Terminal City. Está armado e é bem provável que esteja escondido, contudo, talvez esteja nas ruas — num lugar público — num hotel."

A face de Chuckles estava tensa. No entanto, se esforçou para manter a sua voz calma; forçou os seus olhos a não se dirigirem para o homem sentado no canto extremo do bar. Seu primeiro "drink" ainda não fôra tocado; de repente, virou as suas costas e ficou rigidamente olhando para fora da janela.

— Quer um "drink"? — Chuckles respondeu a Freddy: — Num segundo.

Misturou os "drinks" que ela ordenara, enquanto a voz do locutor continuava a encher o salão.

"Se acaso você vir êste homem, para a sua própria proteção, procure manter-se calmo. Dirija-se para o mais próximo telefone e notifique a policia, discando para 1-1-1-9. Repetimos: 1-1-1-9."

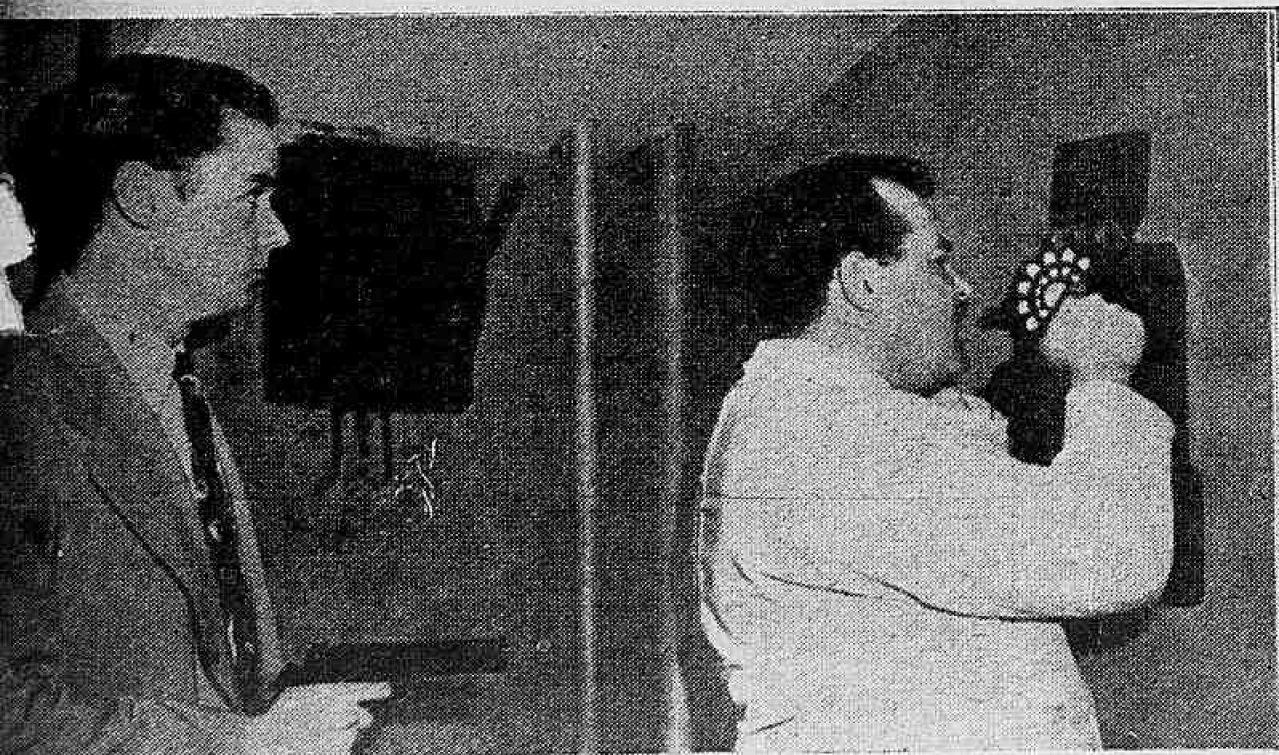
O que aconteceu em seguida é indescritível. Foi a tentativa de um homem em tentar entregar um criminoso à polícia e ver frustrado o seu esfôrço. Chuckles saiu do bar, dando uma desculpa qualquer e se dirigiu para o quarto dos fundos, a fim de chamar a policia, quando Wyckoff se ergueu e saiu atrás de Chuckles. Quando êste terminou de discar, atirou. Colocou o fone novamente no gancho e voltou ao bar, com o revólver na mão.

Juntou os fregueses e começou a procurar frenèticamente o revólver de Chuckles. Ordenou que Earl fechasse a porta e que todos se sentassem.

Feito isso, notou que um casal, que deixara o bar pouco antes de Chuckles ter ido telefonar, corria em direção ao Oásis com um policial, que também ouvira a detonação.

Tensas, as cinco pessoas fixaram os seus olhos em Wyckoff, enquanto êle fazia pontaria e atirava. O policial tombou imedia-

(*Cont. na pág.* 24)



Quando o dono do bar se retirou para os fundos a fim de chamar a polícia, o jovem assassino Gunther Wyckoff o seguiu, matando-o quando acabava de discar.



Enquanto Harry telefonava para o jornal onde trabalhava, as esperanças dos outros quatro prisioneiros recrudesceram. No entanto, o patrão não atendeu ao telefone.





E L E N C O :

Gunether Wyckoff	**Marshal Thompson**
Freddy	**Virgínia Field**
Helen	**Andrea King**
Dr. John Faron	**Sam Levene**
Earl	**Leon Ames**
Cap. Henry Keiver.....	**Richard Rober**
Harry Barnes	**James Bell**
Chuckles	**William Conrad**
Locutor de televisão ..	**Dick Simmons**
Ten. Whitey Tallman..	**Hal Fieberling**



Uma produção da Metro-Goldwyn-Meyer — Produção de Richard Goldstone — Direção de Gerald Mayer — Cenário de John Monlts Jr. —

Baseada numa história de Hugh King e Don McGuire.

A voz do médico era calma mas fortalecida por uma sólida firmeza, enquanto ordenava ao malfeitor a baixar a sua arma. Um ódio sanguinário, entretanto, incendiava os seus olhos de assassino.



"AVISO AOS NAVEGANTES"

(Produção nacional)

Produção da AtlÂntida — Direção: WATSON MACEDO — Argumento: WATSON MACEDO — Diálogos e «cenarização»: ALINOR DE AZEVEDO, PAULO R. MACHADO — Diretor de Fotografia: EDGAR BRASIL.

E L E N C O :

OSCARITO	Frederico (o clandesetino)
GRANDE OTELO	«Bagunça» (cosinheiro de bordo)
ANSELMO DUARTE	Alberto (imediato de bordo)
ELIANA	Cléia
ADELAIDE CHIOZZO	Adelaide
JOSE' LEWGOY	Scaramouche (o mágico)
SÉRGIO de OLIVEIRA ...	Comandante do Navio
IVON CURY	Príncipe Leão Suave
CUQUITA CARBALLO ...	Cuquita Carballo

Números musicais a cargo de Ruy Rey e sua orquestra, Cuquita Carballo, Jorge Goulart, Emilinha Borba, Dalva de Oliveira, Francisco Carlos, Adelaide Chiozzo, Eliana, Ivon Cury e Bené Nunes.

RESUMO:

NUM teatro em Buenos Aires, o tenente Alberto, em companhia do comandante do navio do qual é imediato, assiste ao espetáculo de despedida de uma companhia brasileira que deve regressar ao Rio, a tempo de tomar parte nos festejos carnavalescos. Alberto está enamorado de Cléia, a estrêla da companhia, e a aplaude frenèticamente quando ela acaba de cantar no palco um baião, levando à terra portenha o melhor da nossa música popular.

No camarim, Cléia recebe a visita do príncipe Leão Gládio Suave, que insiste em cortejá-la, disposto mesmo a renunciar ao trono no seu país de origem, para se unir à jovem. Mas Cléia não dá muita importância ao príncipe, pois Alberto — o elegante oficial — já lhe conquistara o coração. Quem não pode compreender isso é sua irrequieta amiga Adelaide, doida por pescar um marido... e que se admira em ver Cléia rejeitar um príncipe de verdade, que lhe aparecia asim, caído do céu.

Cléia recebe o príncipe, mas trata de desiludí-lo. Regressará no dia seguinte ao Brasil, e não tem a menor vocação para princesa.

Poucò depois, aparece no camarim Frederico, artista da companhia, cujo número cômico não agradara e que se acha sem recursos para voltar ao Brasil... Cléia fica com pena do rapaz, mas também não se acha em situação de fazer alguma coisa por êle.

Naquela noite, Cléia e Alberto se despedem de Buenos Aires, visitando algumas «boites». O idílio entre os dois parece desenvolver-se às mil maravilhas. E' para Alberto uma satisfação ter Cléia a bordo de seu navio, durante aquela viagem que promete ser maravilhosa para ambos.

No dia seguinte, o navio zarpa do pôrto de Buenos Aires, levando a bordo a companhia brasileira e um grupo de turistas grã-finos que desejam conhecer o Carnaval Carioca.

O navio já estava bem longe das costas platinas, quando «Bagunça», o cozinheiro de bordo, faz uma descoberta sensacional. Surpreende um clandestino a bordo. Êsse era o pobre Frederico que, saudoso do Brasil, resolvera embarcar de qualquer jeito. Frederico pede a «Bagunça» que não o denuncie ao comandante. Êste pensa um pouco e toma uma decisão. Está bem... não diria nada... mas Frederico se comprometeria a trabalhar para êle na cozinha... Frederico aceitou a proposta e o esperto cozinheiro logo se repimpou numa cadeira, ordenando ao clandestino que fizesse todo o serviço...

No salão do navio, com a sua barbicha negra e o seu turbante, o Professor Scaramouche, um mágico de expressão sinistra, diverte os passageiros. Alberto assiste aos números de mágica em companhia de Clélia. As grã-finas de bordo se mostram encantadas e arripiadas com os «passes» do professor... e Jane, uma loura provocante que anda assediando Alberto, aproveita a oportunidade para enciumar Clélia, pedindo a êle que lhe abotoe o vestido... Mais tarde, quando Alberto e Cléia se debruçavam romànticamente na amurada do navio, surge Jane novamente e atira uma baforada do seu cigarro no rosto de Cléia, só para irritá-la. A jovem se engasga e Alberto fica atrapalhado, tentando desculpar-se. Felizmente um taifeiro chegou com um recado do comandante do navio. Êste exigia a presença do imediato na tôrre de comando.

O comandante informa a Alberto que acabara de receber um rádio de Buenos Aires, comunican-







do que a bordo do navio viajava um perigoso espião internacional. Era preciso localizá-lo antes que êle puzesse em prática os seus planos sinistros. O comandante sugere uma revisão dos passaportes de todos os pasageiros, mas isso poderia despertar suspeitas. Era preciso pensar num estratagema qualquer para atrapalhar o espião.

Enquanto isso, Cléia tem uma surprêsa. Encontra o príncipe a bordo. Êle lhe confessa que, não podendo resistir ao amor que lhe devota, resolvera seguí-la... Tomara o navio e alí estava na esperança de que a jovem compreendesse a sinceridade dos seus sentimentos. Cléia acha graça, mas procura afastar-se do príncipe, contra a vontade da irrequieta Adelaide, que não tira o ôlho daquela fabulosa personalidade.

O navio acaba de entrar em águas brasileiras, e Alberto encontra nisso pretexto para promover uma festa a bordo. Pretextando não haver tempo para imprimir convites, êstes seriam substituidos pelos passaportes dos passageiros... que os apresentariam no momento de entrar no salão onde se realizaria a festa. Seria um meio de examinar êsses documentos sem que o espião desconfiasse... A notícia espalha-se por todo o navio, e todos se alvoroçam comentando a festa que prometia ser magnífica.

O príncipe vai ao camarote de Cléia e a convida para a festa. Para não despertar a curiosidade dos passageiros, o príncipe esta-

(Cont. na pág. 33)



CINEMA FRANCÊS

Homenagem a MAX LINDER

de **RENÉ JEANNE**

HÁ vinte anos faleceu Max Linder.

Max Linder! Que sabem dêle os que se sentam diàriamente ante a tela do salão do boulevard Poissonnière que leva o seu nome? E no entanto... no entanto êsse nome foi o de um homem a quem a arte cinematográfica deve muito e o cinema francês muito mais ainda. Max Linder, foi evidentemente, o criador do cômico no cinema e do primeiro «tipo» do imenso repertório da galeria da tela, a primeira grande figura francesa e o primeiro a dar a êste personagem, hoje popular, o título de «astro» e seu caráter internacional.

Insignificante ator perdido na brilhante companhia do Teatro de Variedades, franqueou, casualmente, a porta do estúdio Pathé onde foi ver um de seus camaradas que representava sob a direção do realizador Lucien Nonguet. Contratado por Zecca, o grande homem da casa, mediante um salário de 20 francos, que naquela feliz época (1905) era o normal, representou um papel igual a muitos outros — «Vida de Palhaço». — Logo chegou a ser astro de filmes de curta-metragem onde encarnava tipos feitos à base de observação, desenhando caracteres, alguns dos quais poderiam ser considerados como saídos da pena de um pequeno La Bruyére e renovados por Georges Feydeau. Nessas pequenas comédias, as idéias e os efeitos estavam felizmente esquematizados segundo a lógica impecável que se encontraria posteriormente nas melhores películas de Charlot.

Mas tôdas essas qualidades não lhe teriam servido de nada se êle não as houvesse posto a serviço de um novo personagem. Mas, pela sua própria natureza, Max Linder repugnava-se ante a idéia de que, como a maioria, teria de usar indumentárias novas e engomadinhas, maquilagem exagerada a fim de provocar o riso, que deveriam antes de tudo, depender exclusivamente de sua veia cômica. O «tipo» que lançou, pois, não tinha nada disso; escolheu um tipo humilde, um jovenzinho ridículo, um filho de família que penetrava na vida sem ter experiência alguma. Com seu fraque, suas calças listadas, seu bigodezinho elegante, era um personagem bem do seu tempo e possuia tudo quanto fazia falta para que as multidões que aprendiam o caminho das salas de projeção pudessem rir sem maldade, precisamente quando começava a vacilar o pedestal sôbre o qual se havia elevado a burguesia durante o século anterior. E por mais que fizesse rir, seu personagem não era jàmais ridículo e sempre permanecia simpático. Imediatamente foi admirado e aclamado em tôdas as partes: tanto em Berlim como em Paris; em Roma como em Nova York; em Buenos Aires como em Xángai, as multidões se comprimiam nos cinemas que anunciavam «Max Pédicure», «Max décoré», «Max et le quinquina», e muitos outros, todos os anos. O tipo era sempre de uma inspiração notável, sendo extraordinário o fato de não separar-se nem um fio da linha traçada de triunfar sempre e sempre, êxito que desde então não foi renovado nunca por ninguém.

Não obstante, quanto atenção não puseram os cômicos do cinema contemplando as películas de Max Linder! Começando por Charles Chaplin, que lhe é devedor de nada menos que três idéias de argumentos, sem falar de certa forma de concluir uma ação, de desenvolver um assunto, de converter em verdadeiro o que é inverossímel, de dar vida ao que não a tem. Mas Chaplin reconheceu e proclamou que Max Linder havia sido seu mestre, pondo esta dedicatória numa fotografia que lhe ofereceu por motivo da primeira viagem do ator francês aos aos Estados Unidos no ano de 1917: «A Max Linder, que foi quem me ensinou meu ofício».

O grande homem continuou sendo o gentil rapaz que era em seu princípio. Seu sorriso era encoberto, no entanto, por certa melancolia. Nada lhe estranhava: os atores cômicos são sempre uns tristes na vida real. Em seu caso era uma grande verdade. Num entardecer de outono de 1925, Paris tomava conhecimento com estupor e espanto de que Max Linder acabava de suicidar-se...

Seu lugar no cinema transformou-se num grande vácuo.

"CREPÚSCULO

E L E N C O :

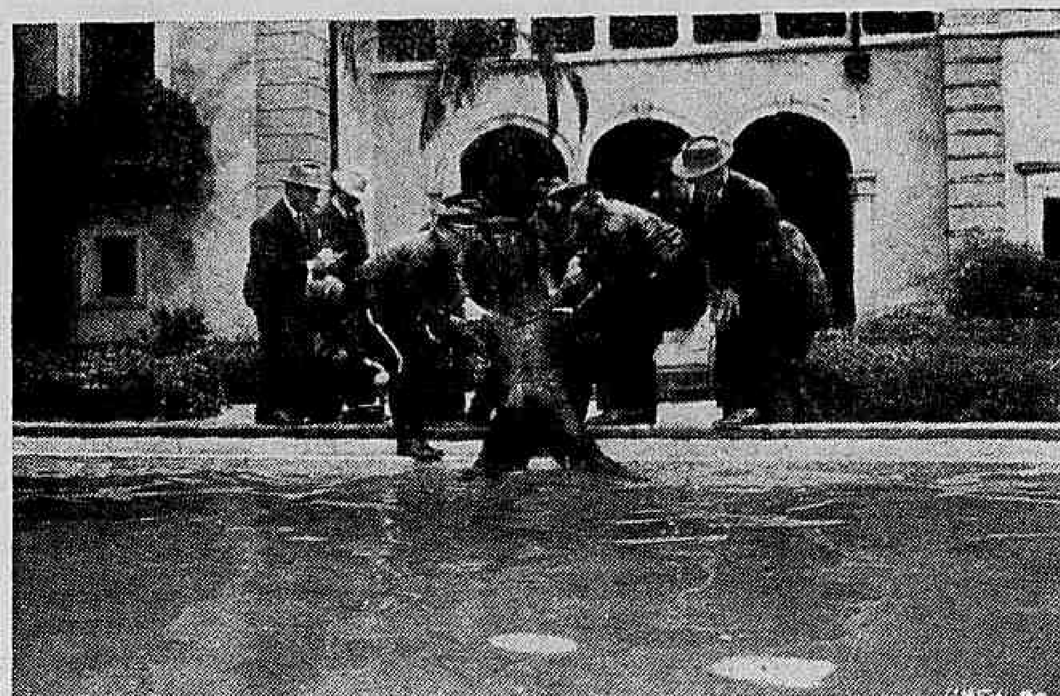
Joe Gillis	**William Holden**
Norma Desmond	**Glória Swanson**
Max von Mayerling	**Erich von Stroheim**
Betty Schaefer	**Nancy Olson**
Sheldrake	**Fred Clark**
Morino	**Lloyd Gough**
Artie Green	**Jack Webb**

E ainda: Cecil B. DeMille, Hedda Hopper, Buster Keaton, Anna Q. Nilsson, H.B. Warner, Franklyn Farnum, Ray Evans, Jay Livingston, Larry Blake, Charles Dayton.

★

T É C N I C O S :

Produção de:	Charles Brackett
Direção de:	Billy Wilder
Cenaristas:	Charles Brackett Billy Wilder D. M. Marshman Junior
Fotografia de:	John F. Seitz



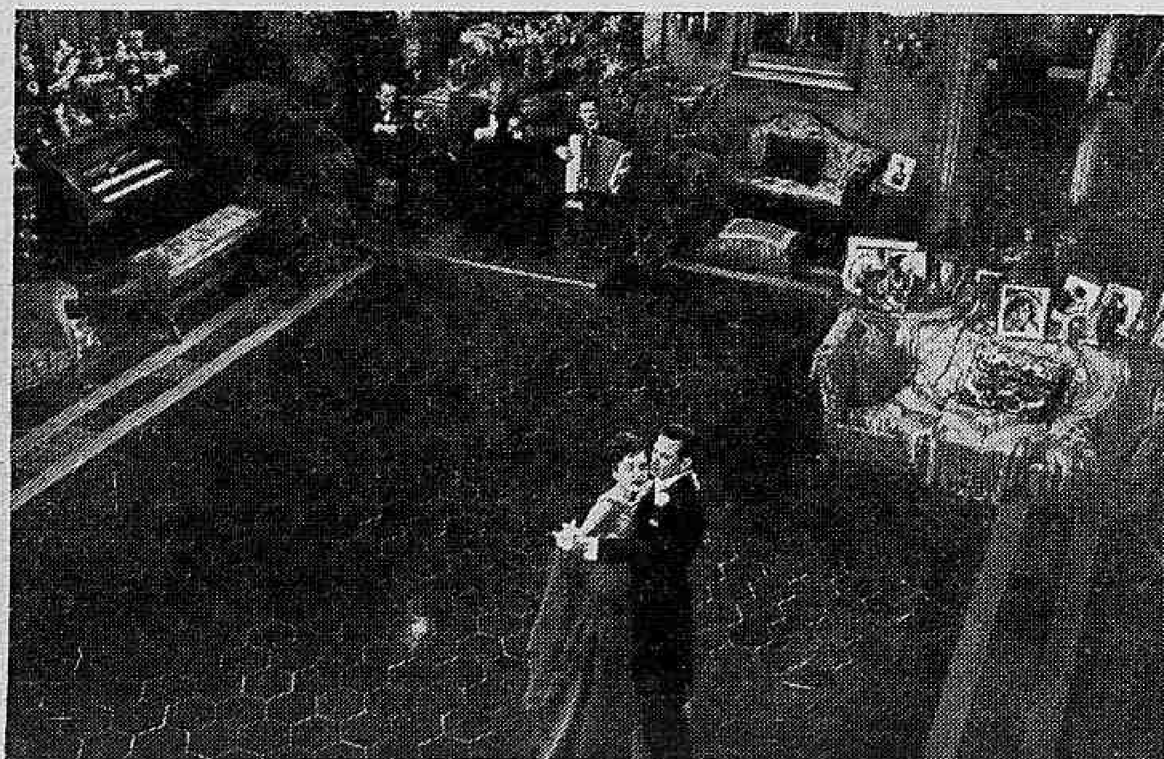
Joe Gillis, um jovem escritor cinematográfico, é encontrado morto na piscina de uma velha mansão em Hollywood. A polícia «pesca» o seu corpo e à proporção que o inquérito caminha para o final, êste mostra-nos como o drama sucedeu.



Um dia, tentando escapar de dois agentes de seguros, que queriam tomar-lhe o carro por falta de pagamento, Gillis após uma fuga precipitada, entra com o carro numa mansão que êle julga estar abandonada. Entretanto, é encontrado pelo mordomo. Max von Mayerling, que o leva a presença de Norma Desmond, uma estrêla do tempo do cinema silencioso, que ali vive completamente isolada.



Miss Desmond que nesse ínterim vem a saber ser êle, Gillis, um escritor cinematográfico, mostra-lhe um argumento de sua autoria sôbre uma história de «Salomé», tendo ela como estrêla. Contudo, Gillis, prevendo o «abacaxi» que aquilo seria, maliciosamente, sugere que ela «alugue» um escritor profissional para revisá-lo.



Mas ela, preferindo-o a qualquer outro, «requisita-o» para isso. Devido ùnicamente a má situação financeira que se encontrava, Gillis aceita a situação e para isso é forçado a viver na mansão. Durante os festejos de Ano Novo uma coisa estranha acontece; pois êle é o único convidado a uma festa que ela promove. Norma confessa-se apaixonada por êle, mas Joe, recusando-se a ouví-la, abandona o solar.



Seguindo para uma festa de Ano Bom em casa de um amigo, vem de encontrar ali a graciosa Betty Schaefer, uma jovem que trabalha nos estúdios da Paramount a quem êle conhecera antes. Gillis telefona para casa de Norma Desmond a fim de lhe pedir que devolva as suas coisas, quando vem a ser informado de que ela tentou o suicídio.

DOS DEUSES"



Retornando à mansão, êle entra no quarto dela e lhe diz que não há outra mulher na sua vida. Na verdade, tudo isso êle lhe confessa, não com o amor no coração, — o que não existia —, mas sim, com o intuito de salvaguardar a consciência em caso de morte voluntária, além de dar tempo a que ela raciocinasse pela impossibilidade de uma tal união.

OS MELHORES DE 1950

Dentre os selecionados pela Representação Americana de Críticos Cinematográficos, o filme «CREPÚSCULO DOS DEUSES» foi citado nada menos que quatro (4) vêzes como demonstra o quadro abaixo:

O melhor ator	William Holden
A melhor atriz	Glória Swanson
O melhor filme	«CREPÚSCULO DOS DEUSES»
A melhor campanha de publicidade	«CREPÚSCULO DOS DEUSES»

Êste tópico, transcrito do «The Daily Film», é a cópia fiel do furor que vem despertando o filme «Crepúsculo dos Deuses» nos Estados Unidos. Por onde quer que êle seja exibido, a crítica e o público são unânimes em tecer-lhe encômios, tanto quanto à interpretação, como à sutileza do assunto, um dos melhores estudos sôbre a vida de um artista.

Para que se tenha um vislumbre do que foi a sua apresentação em telas americanas, citaremos alguns trechos com que os críticos de New York brindaram esta produção já vitoriosa.

Do «Daily News», num artigo de três colunas, ressaltamos estas sugestivas linhas: «Crepúsculo dos Deuses», sob muitos aspectos, é diferente e superior a qualquer outra produção de Hollywood. As cenas reais e inesquecíveis da mansão quase em ruínas; a arte de Glória Swanson e a atmosfera de Hollywood que há em tôda a película, dão-lhe um valor tão extraordinário, que não hesitamos em classificá-la como a maior realização do ano».

O «Journal American» põe em destaque a volta triunfal de Glória Swanson, que, num desempenho impressionante, arrebata novamente o cetro de rainha do cinema, título que ostentou durante tantos anos.

Também o «New York Times», um dos mais abalizados e severos jornais de New York, concede os melhores elogios a «Crepúsculo dos Deuses» e diz textualmente: «Crepúsculo dos Deuses» é mais que uma producão do passado e do presente. E' a composicão da verdade e da fantasia, da vida real e da ficção e, acima de tudo, um pouco da verdadeira história de Hollywood.



Finalmente, fazendo-se acompanhar de Gillis, leva o argumento de «Salomé» à Cecil B. DeMille que se encontrava no momento em plena filmagem. Penetrando no «set» de «Sansão e Dalila», é recebida por DeMille que para não manguá-la êste se sente incapaz de confessar-lhe a imposibilidade de filmar o seu argumento. Ela deixa os estúdios da Paramount radiante por pensar ser aquêle o seu retôrno triunfal.



Enquanto Norma gasta horas no seu tratamento de beleza, preparando-se para enfrentar as câmeras, Gillis foge durante a noite a fim de trabalhar com Betty num argumento para a téla E' durante a confecção dêste, que ambos pouco a pouco vão se compreendendo e sentindo que algo se agiganta dentro dêles, unindo-os cada vez mais. E daí por diante, ambos começam a amar-se apaixonadamente.



Norma, entretanto, descobrindo o romance de Gillis, pede a êle que não a abandone. Sentindo não convencê-lo, enraivecida, tenta por todos os meios acabar com o namôro dos dois. Isso faz com que Gillis explodindo, conte-lhe a verdade acêrca da sua imaginária volta ao cinema, ao mesmo tempo que decide sair daquela casa de uma vez por tôdas. Enquanto passava ao lado da piscina, é baleado pelas costas caindo morto nágua.



Estamos na manhã seguinte e há policiais, repórteres e cinegrafistas por tôda a parte. Norma Desmond já sofrendo das faculdades mentais, finalmente se deixa convencer a seguir com a polícia, pensando que tudo aquilo faz parte dos preparativos de filmagem ordenado por DeMille. Assim sendo, desce as escadas, na ilusão de que êles a estão filmando para uma cena de «Salomé», o filme que marcaria a sua volta triunfal.



Britt tenta lutar, mas a grande cidade é impiedosa e ela mergulha em um mundo completamente novo.



Novas visões lhes chegam aos olhos de menina-moça, já tão cedo cançada das misérias da vida.

O NATURALISMO SUECO

DEPOIS DE "TORTURA DE UM DESEJO", A SUÉCIA NOS APRESENTARÁ "A RUA" — ARGUMENTO REAL E HUMANO, EXTRAÍDO DA PRÓPRIA VIDA — DIREÇÃO CRUA E SEM RODEIOS — UMA NOVA ESTRÊLA PARA HOLLYWOOD COBIÇAR...

De ALF SZEMBGER (Especial para A CENA)

COMO sério concorrente ao cinema sul-europeu, que se vai impondo ao mundo pelo seu realismo, às vêzes brutal, surge, no extremo norte, o cinema sueco, que caminha vertiginosamente para a plenitude da sua fase naturalista, abolindo de vez as tão

Depois de uma aparente regeneração, cái novamente na realidade: a rua reconquista a sua prêsa.



Britt cái sob o domínio de um homem sem escrúpulos que só pode aumentar o seu sofrimento.



banalizadas máscaras e ficções usadas até bem pouco.

Um exemplo dessa evolução artística do cinema sueco está na importante narrativa do filme "A Rua", realizado por Gosta Werner. Os personagens e o enrêdo são audaciosos, mas têm um cunho de verdade pungente e nos contam uma história de todos os dias que pode acontecer a todos os casais do mundo.

E' um drama intensamente vivido. Nêle, uma vez mais, se compreende a inutilidade do orgulho e do preconceito de muitas mulheres puritanas que acusam sem pensar, esquecidas de que a queda dos outras poderá ser sua, um dia. Nem tôdas as que erram são culpadas; muitas vêzes, ao contrário, vítimas inocentes que pagam com a existência inteira, a irresponsabilidade de um momento. Rolam, descem e chafurdam na lama, mas no íntimo, atrás da figura do pecado e da desonra, há um coração que bate e anseia por um amor puro, um braço que a ampare, uma reabilitação.

Britte é assim. E' uma jovem perdida no borborinho da rua. No princípio é apenas a menina simples, empregada em casa de parentes. Depois, a mulher que se apaixona por um homem sem escrúpulos, em cujo amor crê piamente, sem suspeitar a amarga decepção que a espera. Finalmente, sòzinha, sem nada e sem ninguém, o maior desejo de Britte é tornar-se independente, recomeçar a vida e esquecer o passado doloroso. Luta, mas a vida da grande cidade é impiedosa. De queda em queda, Britte cái logo sob o domínio de um homem que a torna prostituta. A um certo momento a moça revolta-se e rompe com a sua antiga existência, encontrando uma felicidade efêmera ao lado de um jovem que a ama sinceramente, mas que, alguns meses depois, a leva a uma queda mais brutal e aviltante, pois ela acredita se haver libertado finalmente da **Rua.** Resignada, volta ao seu destino. Que pode fazer uma pobre moça perdida no turbilhão da cidade para resistir à onipotente **Rua?**

Gosta Werner, o responsável pelo filme, não relutou em recorrer a imagens cruas e duras para exprimir a implacável verdade da história que conta. A vida muitas vêzes é feia e grosseira e é êsse o aspecto que o diretor apresenta já que se dispôs a transportar-se ao naturalismo, lançando mão dos meios que a êle conduzem.

"A Rua" é um espetáculo emocionante em que Maj-Britte Nilsson se revela uma intérprete ideal, vivendo a figura de Britte, a debater-se no borborinho avassalador da incompreensão e da maldade humanas.

Peter Lindgren é o primeiro elemento masculino, enquanto Keve-Hjlm, Naemi Briese, Stig Jarrei completam o elenco, contribuindo cada qual com sua sensibilidade e arte para o brilho do filme. Se conseguir equiparar-se ao belíssimo "Tortura de um desejo", então o mundo inteiro terá que abrir bem os olhos, pois o cinema sueco entrará no páreo para competir com os cinemas americano, francês, italiano, inglês e mexicano. Ao menos no que toca à qualidade.



MAJ-BRITTE NILSSON
Jovem, bonita e talentosa: uma nova sueca que, certamente, será cobiçada por Hollywood.

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

CLÓVIS DE CASTRO

--- V ---

Nome real: Clóvis de Castro Ramon.

Nasceu a 30 de novembro de 1925, às 6 horas da tarde, em Recife, Pernambuco.

Fêz os estudos elementares e secundários em Recife.

Começou a gostar de cinema desde criança.

Gosta muito de: ir ao cinema, passear com mulheres bonitas, ir à praia e apanhar muito sol, fumar e redigir publicidade.

Também gosta muito de dormir.

Não tolera: andar de bonde, ler jornais (e é jornalista!...), obedecer a horários.

Não dansa.

Não bebe.

Não gosta de dormir tarde. Mas também não gosta de levantar cedo.

Em literatura aprecia Sir Arthur Conan Doyle.

Tennesse Williams e Eugene O'Neill são os seus dramaturgos preferidos.

Fala e escreve inglês e arranha o francês.

Aprecia longas viagens marítimas.

Aparenta calma mas é um bocado nervoso.

Considera Chaplin o gênio do cinema.

Filmoteca selecionada: «Monsieur Verdoux», «Ladrões de Bicicletas», «Cais das Sombras», «Carnet de baile», «Escravas do Amor», «Um punhado de bravos», «Viver em Paz», «No tempo das diligências», «O delator».

Já foi comerciário antes de se dedicar à crônica.

Divide as atividades entre o jornal («Diário Trabalhista») e o Departamento de Publicidade da França Filmes do Brasil, que chefia.

Já escreveu para «Celebridades» (revista), «Voz do Rio» (semanário), «Ouro Verde» (revista), «Jornal da Noite» (vespertino), «Tribuna do Comércio» (semanário), todos do Distrito Federal.

Sócio fundador da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos e do Círculo de Estudos Cinematográficos.

Tem ambições de ser, algum dia, autor de partituras musicais para filmes brasileiros, pois tem inclinação para a música.

Dos esportes aprecia o boxe.

Gosta das côres verde, azul e rosa.

Veste-se com simplicidade, mas é um bocadinho vaidoso.

Colarinho: 36

Sapatos: 39.

Camisas, brancas.

Adora gravatas bonitas.

Admite a existência da Polícia.

E' católico, apostólico, romano.

E' supersticioso e acredita em macumba.

Não tem côr política, mas votou no Getúlio.

Atrizes prediletas: Greer Garson, Bette Davis, Deborah Kerr, Michéle Morgan, Simone Signoret, Simone Simon e Marlene Dietrich.

Pêso atual: 54 quilos.

Cabelos prêtos e olhos castanhos-escuros.

Deita geralmente à meia-noite e acorda às 9 horas.



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA

Charges de JAIMESON

Atores prediletos: Pierre Fresnay, Charlie Chaplin, Humphrey Bogart, Henry Fonda, James Stewart.

Aprecia qualquer espécie de música, menos «boleros», especialmente dois: «Una mujer» e «Pecado»...

Tem muita sorte com mulheres.

Altura: 1,65m.

Fuma cigarro «Hollywood».

Nunca fêz poesia.

Não usa chapéu, nem óculos.

Gosta de cães e gatos.

E' amigo dos que se dizem seus. E são em elevado número, êstes.

Usa o pseudônimo de Louis Janfert, às vezes.

Reside na Avenida Augusto Severo, próximo à Cinelândia.

No rádio ouve os programas humorísticos, de que é inveterado fã.

E' decididamente contrá a bomba atômica.

ANTOLOGIA: — «JUVENTUDE DELINQUENTE»

... «O seu asunto é original, repetimos. E isso podemos ver naquela vida infeliz que leva o Clement Mathieu de Noel-Noel, no seu caso amoroso e nos demais aspectos pintados com muita finura. Jean Dréville dirigiu o filme. Não se preocupou com o sentido plástico, para dar, e muito bem, largas ao problema central. E, na realidade, são dois argumentos em um em «La Cage aux Rossignole»; o segundo, apresentado na vida do escritor que, para transformar-se em zelador de um reformatório para menores delinqüentes, tem côres vivas e otimistas, cercado geralmente pela realidade dos fatos. Os contrastes psicológicos são vistos com grande simplicidade, o que os torna acessíveis a qualquer platéia. Noel-Noel compõe o seu personagem com enorme equilíbrio. E' um ator de grande classe»...

«LADRÕES DE BICICLETAS»

«Êste é, senhores, o grande material humano, de uma simplicidade tocante, de que se serviu o diretor italiano Vittorio De Sica, para realizar êsse monumento, essa obra de arte, indiscutível criação que, dentro de, pelo menos, quatro futuros anos, nos proporcionará e a muita gente, recordações imorredouras. «Ladrões de Bicicletas» é tão imponente no seu sentido que não deixa margem para que o analisemos dentro das medidas do nosso conhecimento. Vimes o filme com o coração, não sentimos o **cinema**, e deixamos a sala de espetáculos com uma sensação indiscritível. «Ladrões de Bicicletas» é um testemunho, um grande testemunho do cinema mundial, que teríamos deixado de conhecer. Que se perpetuem, com a fôrça da mais alta gratidão, os nomes dos realizadores dêste filme na história do cinema e se dêem aos seus intérpretes, o garoto Bruno (Enzo Staiola) — de um absoluto domínio da verdade como artista —, o pai Antônio (Lamberto Maggiorani), Maria, a mãe (Lianella Carelli) e a todos os demais, monumentos em praça pública! «Ladrões de Bicicletas» teve, ainda, o grande exemplo de distanciar o cinema da câmera, isto é, a sua preocupação fundamentalmente ligada à história, fêz (graças!) com que o fundo desprezasse a forma. E isto é uma grande e imponentíssima vitória».

JOHN
LUND

(Metro)



Margareth Singleton (Patrícia Neal) filha do Rei do Tabaco, da cidade de Kingsmont, recebe com certa ironia a chegada de Brant Roy (Gary Cooper), à cidade, depois de tantos anos de ausência. Brant regressou à Kingsmont a fim de receber a herança deixada por seu tio. Há, entretanto, uma grande rivalidade entre o Major Singleton (Donald Crisp) e Brant Royle (Gary Cooper).

"CINZAS AO VENTO"

(BRIGHT LEAF)

ELENCO:

GARY COOPER	Brant Royle
LAUREN BACALL	Sônia Kovac
PATRÍCIA NEAL	Margareth Singleton
Jack Carson	Chris Malley
Donald Crisp	Major Singleton
Gladys George	Rose
Elizabeth Patterson	Tabitha Jackson
Jeff Corey	John Barton
Taylor Holmes	Advogado Calhoun
Thurston Hall	Phillips
Jimmy Griffiths	Ellery
Marietta Canty	Queenie
William Walker	Simon

Dirigida por MICHAEL CURTIZ
Produzida por: HENRY BLANKE
Filme da WARNER BROS.



Ao chegar a casa, Tabby, prima de Margaret (Patrícia Neal) conta ao Major Singleton o que se passou na cidade e o encontro que tivera acidentalmente com Brant. Margaret tem uma conversa com seu pai sôbre o assunto e as palavras que usa faz com que seu pai saia a procura de Brant a fim de expulsá-lo da cidade, como já fizera alguns anos atrás.



O Major Singleton depois de uma série de ameaças que faz a Brant ergue a sua bengala e covardemente agride Brant. Este o aconselha a ir para casa pois não tem coragem de bater num senhor de idade e quebrando a bengala de Singleton atira a mesma dentro da carruagem do Major, que sai enraivecido.



Após ter conversado e bebido em companhia de um certo senhor que diz ter inventado uma máquina capaz de fabricar cigarros num mínimo espaço de tempo, Brant achando a idéia boa, procura uma sua amiga antiga, que o ama, mas a quem Brant dedica simples amizade, e lhe propõe o negócio, visto encontrar-se sem dinheiro. Sônia Kovac (Lauren Bacall) a amiga sincera de Brant, não aceita a proposta.



Há uma briga entre vários habitantes com um vendedor ambulante chamado Chris Malley (Jack Carson), Brant toma o partido do vendedor e quando a polícia chega vão todos presos. Mais uma vez Sônia (Lauren Bacall) salva seu amigo Brant, assim como o inventor John Barton (Jeff Corey) e Chris, pagando a fiança na polícia para que os três sejam postos em liberdade. Antes, porém, de sair da prisão, Sônia diz a Brant que fornecerá o dinheiro para a montagem da fábrica. Serão sócios. Brant oferece um emprego a Chris que o aceita alegremente.



Pouco antes de Brant conhecer Barton, o inventor, êste já estivera em casa do Major Singleton oferecendo a sua máquina, a qual fôra rejeitada por êle. Finalmente Sônia, Chris, Brant e Barton, vêem a realização de seus sonhos, pois a máquina é realmente notável.



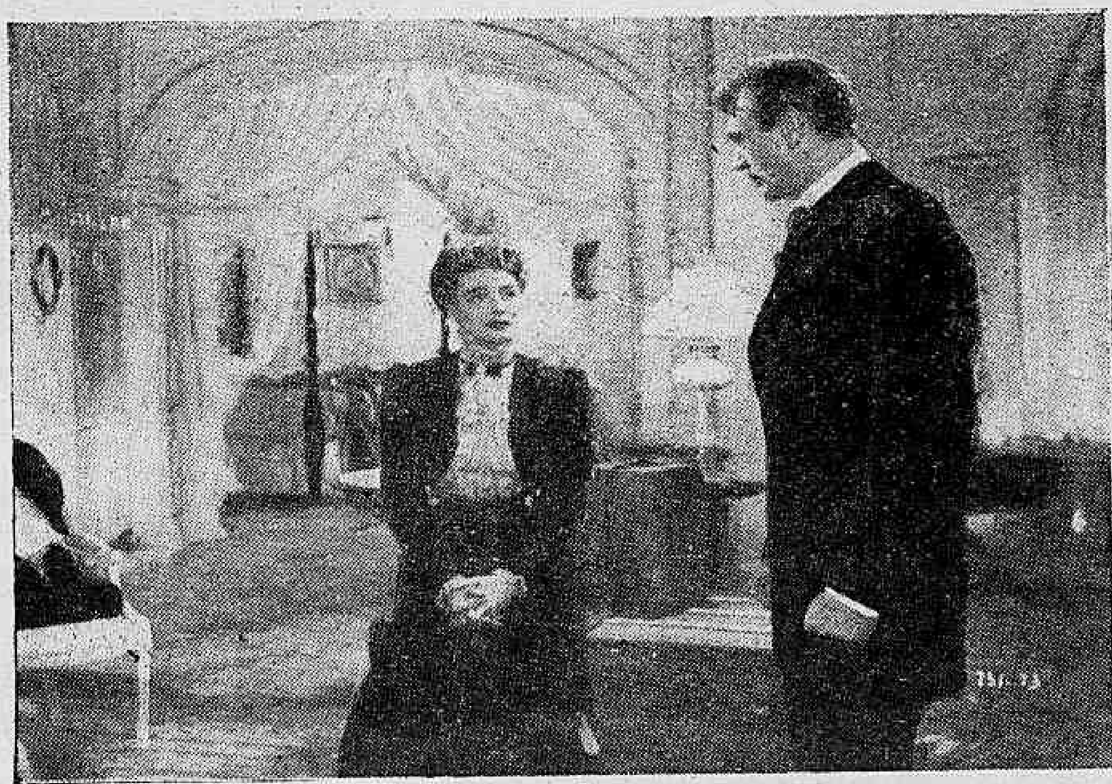
Em pouco tempo Brant consegue pagar a sua dívida com Sônia, e obter bom lucro com a fabricação dos cigarros. Não satisfeito com o sucesso, pois ama a filha de Singleton, luta incessantemente, ficando em pouco tempo, senhor do mercado do fumo, e, tendo em suas mãos os outros produtores de charutos, inclusive o Major, que o desafia para um duelo.



O pai de Margaret (Patrícia Neal) atira em Brant, ferindo-o no ombro, e sai do hotel; à caminho de sua casa suicida-se. Tempos mais tarde Brant faz uma visita à Margaret e a pede novamente em casamento. Casam-se finalmente, e passam um ano na Europa em viagem de lua de mel. Sônia, fôra completamente abandonada por Brant, e, por isso resolveu ir viajar também, muito antes do casamento.



Absorvido inteiramente pelos encantos da jovem espôsa, Brant esquece-se de tudo, das companhias e fábricas, das quais êle é o sócio principal. Chris, tenta, várias vezes, abrir os olhos de Brant com relação a um processo que o govêrno moveu contra êle, sôbre o monopólio de fumo. Porém, Brant tem os seus problemas, de ordem sentimental, que lhe estão dando muitas preocupações.



Reconhecendo, por fim, que o seu amigo estava com razão, Brant examinando os livros, nota que sua espôsa retirou 2 milhões de dólares. Mais tarde, por meio de um detetive particular, fica sabendo que fôra a sua própria espôsa quem o denunciara ao govêrno. Chega a casa e a encontra arrumando as malas. Há, então uma forte discussão entre êles, e Brant ouve dos lábios da mulher que amava, a cruél verdade. — «Ela se casara com êle, tendo em mente, um único objetivo. — Arruiná-lo».



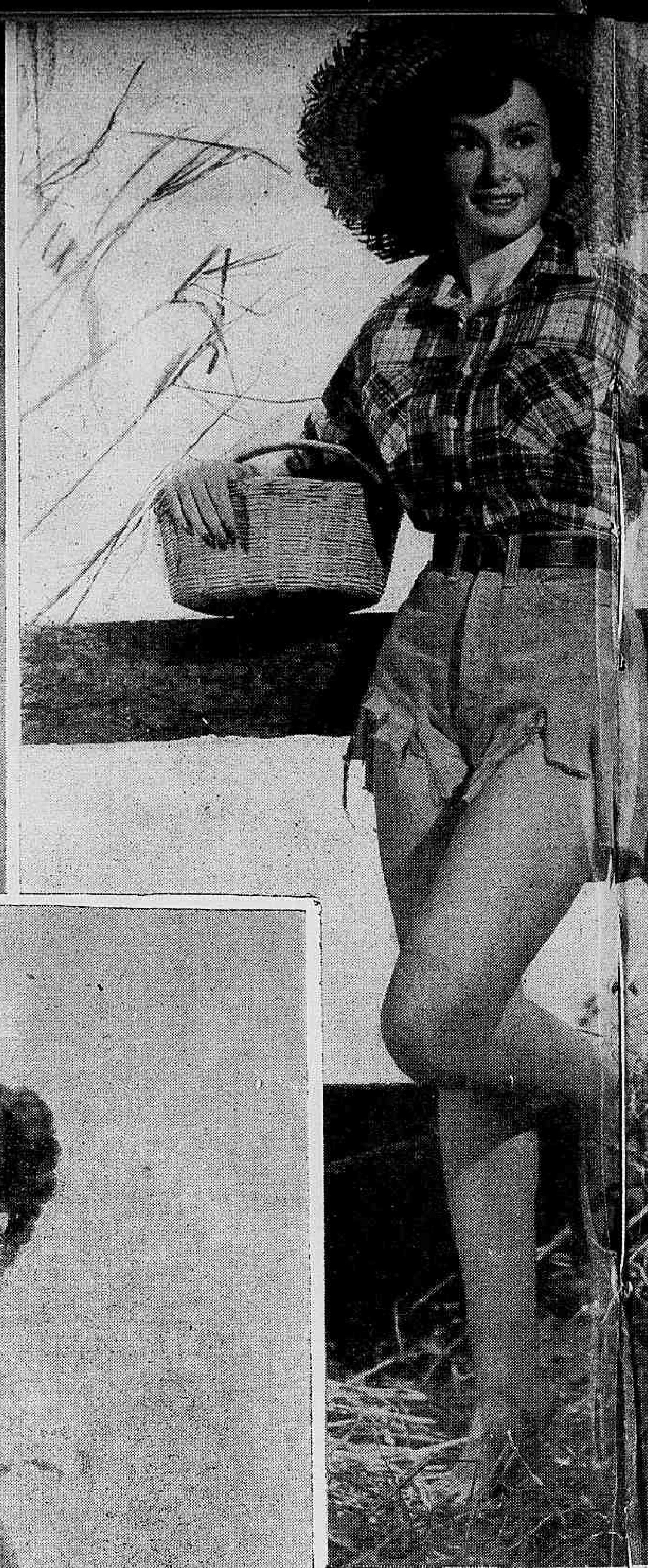
Ferido física e moralmente, Brant recorre à sua antiga e fiél amiga Sônia, que desta vez não o recebe como fizera outrora. Ela também aprendeu duramente. Notando que nada mais lhe restava em Kingsmont, Brant resolve deixar para sempre aquela cidade que lhe dera tudo, menos completa felicidade. Entretanto, antes de partir, diz a Sônia: «O meu maior êrro foi tê-la perdido». E parte, deixando Sônia entregue aos seus pensamentos.

PATRICE WYLMORE

FANTASIAS

SUSANE DALBERT

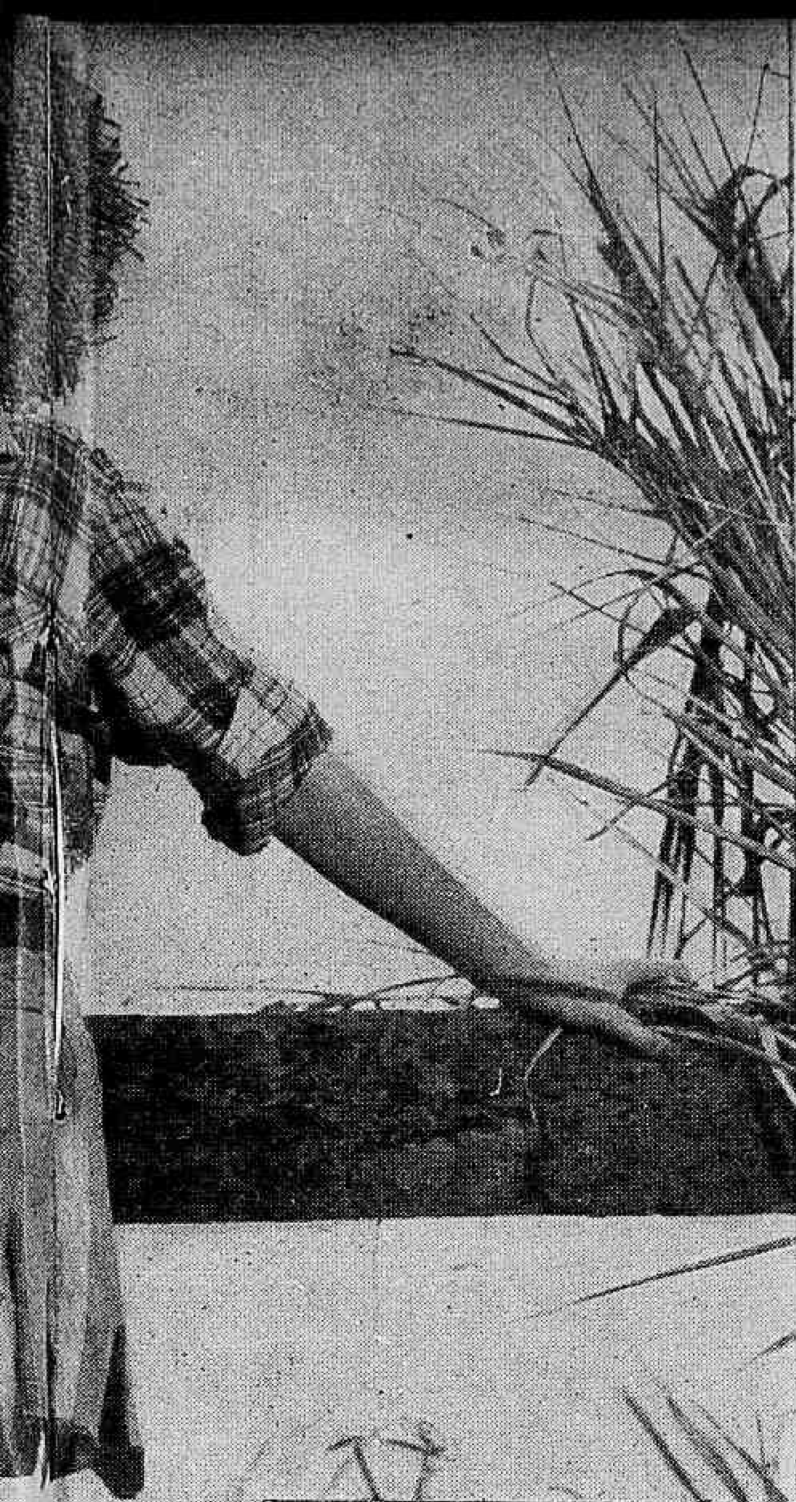




SUSANE DALBERT

PARA

(Fotos Warner Bros





LBERT

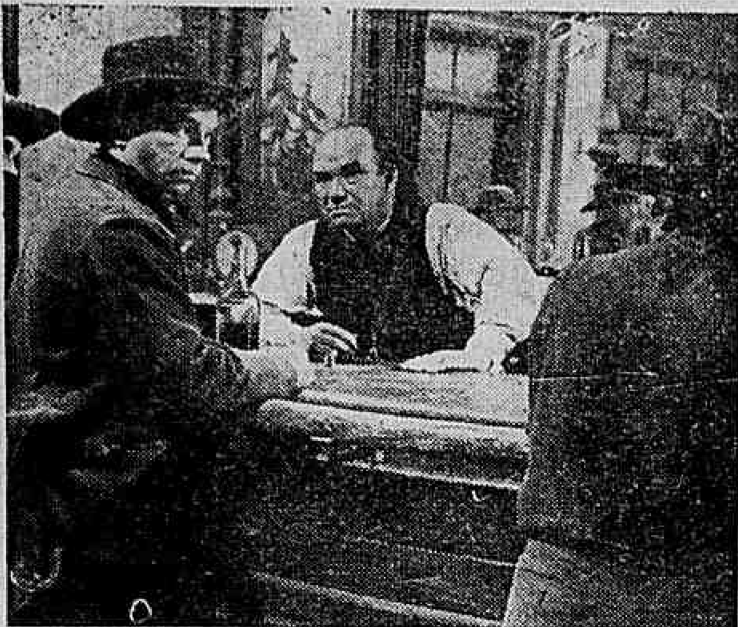
O

r Bros.)

PATRICE WYLMORE

CARNAVAL

VIRGINIA MAYO



Bob Peters (Dane Clark), um fugitivo da justiça chega à Peaceful Haven, depois de uma longa caminhada, entra no bar da pequena aldeia e pede uma dose wiskey; nesse momento entra o Sherife do local e passa em revista as pessoas ali presentes, a fim de achar um certo criminoso. Peters, assusta-se por instantes, mas nada acontece de extraordinário, a não ser...

"BARRICADA"

(BARRICADE)

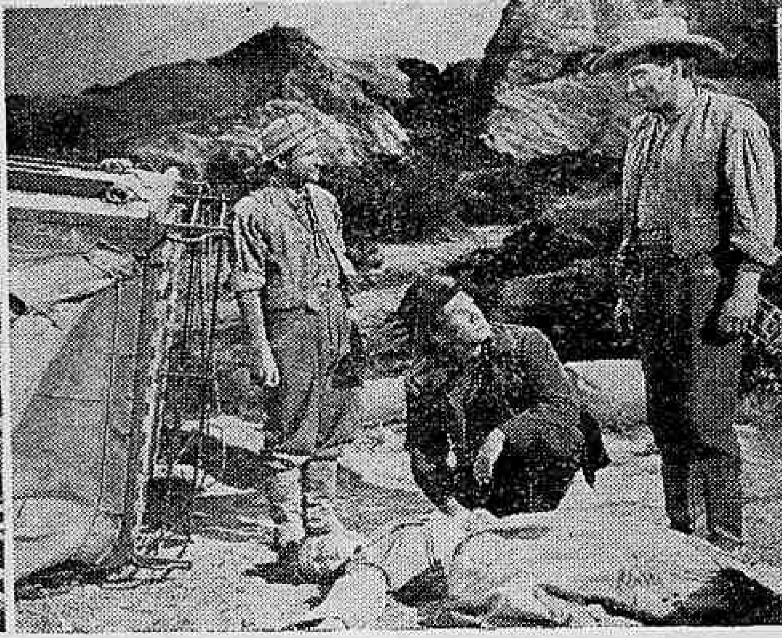
Filme em Tecnicolor da Warner Bros



O convite para um novo «gole», que lhe faz um estranho que se encontrava ao seu lado, por ocasião da chegada do sherife, e notára o estado nervoso em que ficara Peters. Bebem, conversam um pouco, e, finalmente Kirby (Robert Griffin) aferece-lhe um emprêgo na mina de ouro de Kruger, que é o dono daquela aldeia. Peters hesita, mas... encontrando-se sem dinheiro, acaba por aceitar a oferta. Apenas por pouco tempo.



Depois de haverem saido da aldeia chega à mesma uma deligência que fará alí uma parada de meia hora, para descanço dos cavalos, pois terão que atravessar o deserto, mais tarde. Nesta carruagem, viajam duas pessoas, Judith Burns (Ruth Roman) uma fugitiva da polícia, e, Aubry Milburn (Robert Douglas). O sherife reconhecendo imediatamente Judith e lhe dá ordem de prisão. Ela porém, luta com o sherife, sobe à carruagem e sai em disparada. Milburn consegue alcançar a diligência, sem, no entanto poder refreiar os animais.



Quando já anoitecia, Peters, que viajava em companhia de Kirby e Tippy (George Stern), cozinheiro de Kruger, encontra no meio da estrada a carruagem virada e os dois corpos estendidos, aparentemente mortos. Milburn não sofrera muito, mas Judith fôra sèriamente ferida. Resolvem levá-los para o acampamento de Kruger, a fim de receberem tratamento.



Kruger os recebe e, dias depois, Milburn ainda com o tornozelo dolorido, fica trabalhando na cozinha, como ajudante de Tippy. Milburn, nunca em sua vida, vira tipos tão estranhos. Todos, sem excessão eram criminosos. Kruger os mantinha ali, trabalhando na mina para êle. Embora os pagasse, êle os tratava da pior maneira possível, sendo por isso odiado por todos êles. Milburn, que era um homem inteligente percebeu que algum mistério havia na vida de Kruger. Jurou a si mesmo descobrir o segrêdo.



Kruger, que era um homem perverso, sentia prazer em maltratar aquelas criaturas que estavam sob o seu domínio. O Juiz que outróra fôra um homem honesto, tornara-se, devido às circunstâncias, um bebado. E, Kruger aproveitava-se disso para espancar e supliciar aquêle pobre ser humano, que mais se parecia com um farrapo.



Aproveitando o momento em que estavam jantando, Milburn foi até a casa do acampamento que era ocupada por Kruger, a fim de ver se encontrava alguma luz sôbre o segrêdo, que deveria existir na vida daquêle homem sem coração. Mas... infelizmente, êste chegou e o apanhou em flagrante. Depois de tê-lo ameaçado, conversaram sôbre vários assuntos, o que auxiliou Milburn grandemente na sua busca.

ELENCO:

RUTH ROMAN	Judith Burns
DANE CLARK	Bob Peters
RAYMOND MASSEY	Chefe Kruger
ROBERT DOUGLAS	Aubry Milburn
MORGAN FARLEY	O Juiz
WALTER COY	Benson
GEORGE STERN	Tippy
ROBERT GRIFFIN	Kirby
FRANK MARLOWE	Bandy
TONY MARTINEZ	Peso

Direção de: PETER GODFREY — Produção de: SAUL ELKINS



Judith que estivera até então sob os cuidados de Tippy, agoniza Milburn pediu a Kruger que chamasse um médico. Êste, entretanto, negou-se, e, determinou que Milburn assumisse o posto no tratamento da jovem. Peters que logo simpatizara com a jovem fugitiva, procura auxiliar Milburn.



Kruger ao notar o ar arrogante de Peters nomeia-o logo como o dinamitador da mina. Serviço arriscado, mas que Peters faz muito bem. Quando todos estavam aguardando a explosão das cargas de dinamite, Kruger ordena a Peters que entre na mina para saber por que foi que a terceira carga não explodiu. Peters nega-se a ir. Kruger o chama de covarde. Aproveitando a oportunidade, Peters pergunta a Kruger por que êle não vai que é tão valente. Todos os homens que estavam esperando ficaram decepcionados que Kruger não houvesse entrado e sido morto.



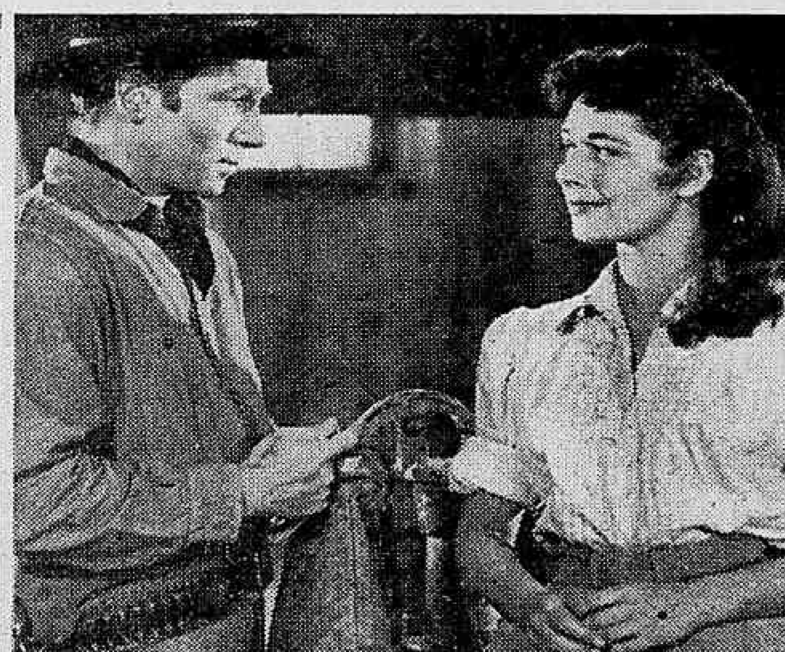
Dias mais tarde, quando todos almoçavam, Judith, agora já completamente restabelecida, entra acompanhada pelo Juiz que já deixara de beber e apresentada a Kruger, que como sempre, a maltrata também, recusando um transporte para a jovem que deseja ir-se embora. Peters vendo-a suplicar a Kruger, manda-a calar-se. E nesse momento...



Não suportando mais aquêle ambiente nojento, Peters arranca uma faca de um dos homens e a atira em Kruger. Mas, sem mesmo saber porque, Milburn avisa Kruger à tempo deste se desviar. Peters leva uma tremenda surra de Kirby, o guarda-costas de Kruger, que o deixa prostado ao chão.



Peters depois de restabelecido do espancamento que sofrera, resolveu arranjar um meio de fugir. Combinando com dois de seus companheiros, ao preparar a dinamite na mina, êles preparam também uma armadilha para Kruger, dentro da mina.



Judith que também se apaixonara por Peters, aceita o convite que êste lhe faz para fugir. Depois de encherem de água as sacolas, seguem na carroça rumo ao deserto. Nesse interim, Kruger que não morrera, sai da mina e oferece uma parte do ouro aos homens para que êles lutem contra Clay, o seu sobrinho, que se encontra à caminho do acampamento onde matará o assassino de seu pai, que não é outro senão Kruger. Milburn quando falava aos homens para desistir daquela luta, é alvejado nas costas por Kruger. Peters e Judith depois de seis horas de viagem, param para beber água e ao provarem notam que a mesma está salgada. Foi Kruger que salgou as sacolas. Voltam ao acampamento e encontram todos mortos com exceção de Milburn que está gravemente ferido, e Kruger que tem uma luta de morte com Peters, sendo vencido por êste último.



Peters e Judith resolvem levar Milburn para a cidade a fim de ser devidamente tratado, e mais tarde se entregarem à polícia para cumprir a pena. Assim poderão viver felizes para o resto da vida.



ROTEIRO DE VIAGEM

CRONICA DE BUENOS AYRES

de ALBERTO CONRADO

(Enviado Especial de «A CENA» aos paises da América Latina)

BUENOS AIRES, janeiro — O cinema argentino necessita de originalidade e simplicidade. Tem de acabar com a influência dos temas estrangeiros que certos "argumentistas" preguiçosos continuam explorando para dissimular sua falta de inspiração e talento.

Com o pretexto de aproveitar a oportunidade que sempre oferece a obra de êxito já conhecida, cuja experiência favorável é um cebo irresistivel para excitar a codicia dos produtores, os autores locais continuam deitando a mão ao repertório de fora para "criar" as novas peliculas argentinas. Não importa que o tema, por vir de uma peça teatral húngara ou de um drama tchecoslovaco, resulte completamente estranho à psicologia, ao meio e aos costumes dos argentinos. Para os "adaptadores" a questão é bem simples: se lhe endossa um diálogo com umas quantas piadas, mais ou menos portenhas, e o assunto está okay. Claro está que, como conseqüência dêsse procedimento tão absurdo, essas produções "argentinas" nada tem disso além do nome, pois nem sequer sua aparência e muito menos seu espírito, pode identificar-se como coisa nacional. Mas, tudo isso não importa aos produtores, muito atentos às cifras da bilheteria.

Pelo contrário, aplicando êsse critério tão errôneo, certos produtores dão preferência aos argumentos de origem estrangeira e de caracteristicas pouco argentinas, por que, segundo êles, isso faz com que os filmes sejam mais "internacionais", o que no seu entender, facilitaria sua exploração nos outros paises...

De acôrdo com tão estranhas teorias, que há bastante tempo se aplicam abundantemente na prática da atividade cinematográfica argentina, chegou-se a êsse pavoroso auge dos "vaudevilles", "pochades" e comédias de tipo e tom completamente exóticos para êste povo. Assim, exibem-se estas peliculas, autênticamente não argentinas, com mulheres divorciadas e até multi-divorciadas, com agências matrimoniais, com "gangsters" à moda ianque, com homens de negócios, tipo "Wall Street", com ex-combatentes... e com "Flappers" sofisticadas, quer dizer, com uma quantidade de casos, de coisas e de personagens que não existem e, segundo nos informaram, nunca existiram no ambiente argentino e cujos problemas, por conseguinte, lhes são absolutamente alheios e incompreensiveis. Através dêstes filmes, que não espelham em absoluto a verdadeira realidade argentina, se está construindo uma falsa representação cinematográfica da Argentina que, além de resultar estranha ao próprio gôsto dos argentinos, incorre num êrro crasso ao pintar os platenses, ante os estrangeiros, com rasgos e modalidades que não lhes correspondem.

Como é natural, tôda essa mentira tem que resultar francamente prejudicial para os interêsses do pais. Com isso se está atentando contra a indiosincrasia da própria Argentina, ao deformá-la em sua essência e os está desprestigiando gratuitamente, atribuindo-lhes "progressos" de corrupção, dos quais êles estão muito distantes e onde certamente não desejariam chegar...

E, como se tudo isso não bastasse, falseam o ambiente dos filmes platenses, colocando nêles "personagens argentinos" que não têm relação nem proporção com o meio em que atuam, resultando num desajuste que se traduz numa falta de humanidade e numa desarticulação que converte os individuos em bonecos arbitrários.

Tais são as penosas conseqüências das "adaptações" e originais tão em voga no cinema argentino e que, seguindo assim, continuará traindo individualmente a cada um dos habitantes dêste pais, não só como argentinos mas, também, como sêres humanos.

UMA PRODUÇÃO SUECA

A indústria cinematográfica sueca, tão prestigiosa em todos os países escandinavos, como o é no norte da Europa a cinematografia britânica, se encontra num excelente estado de progresso, apesar de que, para isso, não conte com a proteção do Estado, pois os impostos estaduais para a indústria cinematográfica sueca somam uma percentagem elevada.

Se recordarmos que duas das atrizes do cinema americano que tiveram maior ressonância nos estúdios ianques (Greta Garbo e Ingrid Bergman), surgiram das câmeras cinematográficas suecas, não resulta nada estranho aceitar que o cinema sueco continue sendo uma indústria, mas, ao mesmo tempo, uma autêntica expressão de arte em função da produção, fator digno de levar-se em conta para um futuro imediato. Recordam-se os leitores dessa obra clásica "Tortura de um Desejo"? Pois bem, uma das mais célebres produções suecas, apesar de não muito nova, constitui o interessantissimo e apaixonante filme "Laila", que se acabou de estrear em Buenos Aires.

"Laila" — um nome de mulher — foi rodado na mesma região lapona, na zona do circulo polar ártico. Em "Laila" intervieram, como protagonistas principais, o galã Sten Lindgren e as atrizes Gull-Maj Norin e Aino Taube, mas no filme colaboraram eficazmente, e muitas vêzes em cenas de primeirissima importância, habitantes lapões, cujos antepassados viveram naquelas regiões desde as épocas dos famosos "vikings".

No filme "Laila" se desenvolvem, conjuntamente com o intenso drama psiquico-emotivo de um infeliz amor, os mais arriscados costumes e tradições dos lapões, a par das extensas regiões polares que os rodeiam, onde as renas e outros animais mostram sua utilidade. Em "Laila" desfilam também, como motivos de fundo, estepes, rios semigelados ou quase isso, interessantes tomadas de caçadas, etc., sem descuidar do drama argumental e essencialmente cinematográfico. Além do mais, como os garotos-atores que vivem em Estocolmo não puderam adaptar-se ao clima e a uma relativamente larga permanência naquelas regiões, os produtores decidiram fazer intervir no filme vários garotos lapões, tendo êstes nos surpreendido pela sua sinceridade e desenvoltura ante as câmeras e suas atitudes de evidente destreza, tanto para cruzar os rios como para dedicar-se à pesca, nas cenas belissimas de pura arte semidocumental. Tudo isso faz de "Laila" um filme raro, digno de ser exibido em qualquer parte do mundo tão surprêso do talento dos cineastas suecos.



«Laila» — um filme suéco de caráter documental que nos oferece tomadas estupendas das regiões da Lapónia.



«A barca sem pescador» — um filme argentino onde aparece um falso tipo de financista alheio a êste país.

QUAIS OS MELHORES DE 50?

Isto não é um concurso. Absolutamente. Trata-se apenas de um «apanhado» geral da opinião de todos os leitores desta revista, para uma apuração dos «melhores do ano» findo. A CENA terá, portanto, uma opinião própria, para quantas outras enquêtes se realizarem, enviando também o seu voto.. A apuração final será transcrita, certamente, em outros jornais logo que a enquête seja encerrada. Pedimos aos nossos leitores, pois, o máximo de urgência na remessa de seus votos, para que possamos obter o maior número de votantes. O prazo da duração, desta enquête ficará estabelecido em 40 dias, a partir de hoje, sendo publicado semanalmente, nesta mesma página, cada resultado da apuração dos votos que forem chegando. Ao mesmo tempo, publicaremos uma lista dos nomes dos votantes e respectivos endereços, à medida que seus votos forem computados. Para isso, pedimos a fineza de observarem as seguintes condições, sem as quais, os votos anulados e não serão tomados em consideração:

C O N D I Ç Õ E S :

a) Letra bem visivel (de preferência, à máquina).

b) Não é obrigatória a resposta a tôdas as perguntas.

c) No caso de fotógrafos e músicos, que não souber os nomes, poderá enviar o título do filme melhor fotografado e melhor musicado. A redação se encarregará de colocar o nome.

d) Quem achar dificuldade em escrever as respostas nesta própria página, ou não quiser recortar a revista, pode remeter em papel separado, repetindo, entretanto, as perguntas dêste original.

e) Os votos que não vierem acompanhados do respectivo «coupon» serão cancelados.

f) Os votos que não vierem devidamente assinados e com o enderêço completo, não serão tomados em consideração.

C O R R E S P O N D Ê N C I A :

Tóda correspondência para esta enquête, deve ser endereçada a

«QUAIS OS MELHORES DE 50 ?
Redação de A CENA
Rua Visconde de Maranguape, 15
RIO DE JANEIRO

E S T R A N G E I R O S :

Filme ....

Diretor ....

Ator ....

Atriz ....

Coadjuvante masculino ....

Coadjuvante feminino ....

Fotógrafo ....

Partitura ....

N A C I O N A I S :

Filme ....

Diretor ....

Ator ....

Atriz ....

Fotógrafo ....

Partitura ....

C O U P O N

NOME (legivel) ....

PSEUDÔNIMO (dispensável) ....

ENDERÊÇO ....

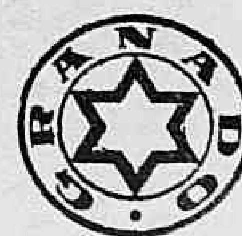
CIDADE ....

ASSINATURA ....





GINOSEDOL



JOÃO FREY

A HORA VIOLENTA

(Cont. da pág. 7)

lamente. O homem, aterrorizado, puxou a sua espôsa, encostando-se num edifício. Arrastando-se, o policial chegou até êles, ordenando-lhes que chamassem a central de polícia, comunicando que um homem se encontrava num bar à rua Spring 121 e que êle, Martin, fôra baleado. Então, gritou à multidão que desimpedisse a rua.

Cobrindo o grupo com o seu revólver, Wyckoff começou a caminhar nervosamente pelo salão, forçando a sua mente demente para encontrar uma solução para as pessoas que mantinha prisioneiras. Finalmente, ansioso por conhecer o seu destino e de todos os outros, Skip quebrou o silêncio, perguntando a Wyckoff o que desejava.

Um vago e confuso olhar ensombrou a face do jovem criminoso, que se absteve de dar uma resposta. Movendo-se vagarosamente, dirigiu-se ao receptor de televisão, desligando-o, e voltando à sua vigília à janela.

Agora, já havia uma verdadeira multidão em frente à farmácia Rialto, situada diagonalmente ao Oásis-Bar. O policial ferido recebia os primeiros socorros de um companheiro que parara o seu carro-patrulha no meio-fio. Fôra feito um pedido para socorro adicional e poucos minutos depois o capitão Deiver chegou com o seu carro.

Wyckoff apanhou o telefone do bar e pediu ligação com a farmácia, demandando falar com o *tira* que se encontrava à porta. Deiver foi chamado ao fone e Wyckoff disse:

— Lembra-se de mim, capitão? Sou Gunther Wyckoff... não quero complicações, capitão... Voltei apenas para falar com o doutor. Doutor Faron... um minuto... — Wyckoff virou-se em direção a Helen. — Você! Venha cá!

A moça levantou-se medrosamente e se dirigiu em sua direção.

— Diga-lhe o que está acontecendo aqui! — ordenou Wyckoff.

A voz da moça se ergueu histèricamente, enquanto gritava ao telefone:

— Por favor... um homem foi assassinado... Há cinco pessoas aqui e êle não nos deixará sair. Seremos todos assassinados! Faça alguma coisa, por favor! O que quer que êle diga... tire-nos daqui!

Wyckoff tomou-lhe o telefone da mão.

— Mande o doutor aqui às nove horas. Não esperarei mais do que isso! Vinte-e-cinco minutos. Ou todos êles terão de morrer!

★

Numa questão de segundos, as cinco pessoas no Oásis haviam deixado de ser espectadores, passando a ser atores de um terrível drama... refens contra o tempo. Aterrorizadamente, observavam os pequenos tic-tacs do relógio na parede se metamorfosearem em segundos.

O médico, a quem Wyckoff demandava ver, era o Doutor Faron, um árduo trabalhador do departamento de psiquiatria da polícia de Terminal City. Em seu rosto calmo se revelava a fria inteligência que dominava a sua misericordiosa compreensão das mentes doentes.

Quando Faron, finalmente, foi localizado, Keiver resumiu o caso:

— E' Wyckoff, John. Encontra-se naquele bar com diversas pessoas. Acabamos de falar com êle ao telefone e até o presente momento tem cinco pessoas vivas. Deseja falar com você, justificando assim a sua volta. Se não o mandarmos dentro de vinte-e-cince minutos matará tôda a gente no bar.

— E' melhor deixar-me entrar, Hank. Êste não é um criminoso comum tentando fazer uma negociação. Wyckoff é um paranóico, um homem demente que sonha... Justificará a si mesmo cumprindo a sua ameaça.

— Êle não o matará? — indagou Keiver.

— Talvez, mas não creio muito nessa hipótese. Wyckoff me conhece, pois passei uma considerável parcela de tempo em sua companhia e se lembrará que a minha opinião evitou que fôsse executado.

— Sim, eu também me lembro disso — Keiver retrucou. — No momento, êle se encontra face a face com cinco outras pessoas. Você deseja aumentar êste número para seis, apenas para poder falar-lhe. Use o telefone!

Keiver começou a caminhar, rumando para a farmácia. O dr. Faron não teve outra escolha senão o seguir.

No Oásis, Wyckoff recusou-se a atender ao telefone. Skip a custo conseguiu dominar o desejo de fazê-lo, pois imaginava que o hospital queria dar a boa notícia do nascimento de seu herdeiro.

Harry dirigiu o olhar para o relógio.

— Dezesseis minutos para as nove — tamborilando a sua caneta-tinteiro, disse: — Sabe o que está acontecendo agora? Na redação o próprio "imperador" de assuntos da cidae deve estar ficando maluco. Mandou que parassem as máquinas que estavam tirando a final a fim de botar uma edição extra na rua.

Wyckoff olhou-o curiosamente, enquanto Harry continuava:

— Tôda a gente está olhando o redator "martelar" a máquina de escrever. Um "boy" está pertinho dêle. O homem termina um parágrafo, grita "Cópia" e o garôto arranca o papel da máquina e corre para a composição. Um outro garôto toma o seu lugar. La em baixo, o linotipista se encarrega do resto. Estão procurando no arquivo montes de fotografias suas tiradas três anos atrás. O imperador sugerirá alguma coisa fora de moda — talvez o *Pistoleiro Berserk*, mas pensará que é muito atual e por demais interessante. As máquinas começam a trabalhar novamente. Dois minutos mais e os caminhões são carregados. Um minuto depois disso, os jornaleiros estão gritando na rua a edição extra.

Harry fêz uma pausa para examinar o efeito no rosto de Wyckoff.

— Exatamente como aconteceu há três anos atrás, lembra-se?

Um brilho de orgulho incendiou os olhos de Wyckoff. Harry compreendeu que estava conseguindo o efeito que desejava e prosseguiu apressadamente.

— Você era o maior elemento que esta cidade já conhecera. Até agora à noite, porque você agora é maior! *"Volta Gunther Wyckoff!"* Neste momento estão transmitindo a sua fotografia pelo telefoto para todos os jornais do país.

O interêsse de Wyckoff desapareceu repentinamente e êle começou a olhar silenciosamente o telefone. Enraivecido, Harry abriu a sua caneta-tinteiro.

— Escolhi uma noite formidável para abandonar o negócio. Sou a testemunha ocular de uma história digna do Prêmio Pulitzer... e nem ao menos posso usar o telefone! — amargamente jogou a caneta na mesa.

Freddy também tentou conquistar Wyckoff, usando, no entanto, os seus encantos. Por um momento êle a apreciou, com uma expressão enigmática na face, enquanto ela falava de um lugar que os tiras nunca encontrariam, de seu carro, um belo conversível com o tanque cheio de gasolina. Quando se achava quase face a face com êle, Wyckoff esmurrou-lhe a bôca com tôda a fôrça, fazendo com que ela cambaleasse.

Com o rosto selvagem, Wyckoff olhou para Harry.

— Êste seu jornal mentiu a meu respeito...

Indiferentemente, o relógio continuava o seu tic-tac imperturbável.. encaminhando-se para as nove.

Os olhos de Wyckoff brilharam.

— Desta vez será diferente. Ainda há tempo de gravar. Vocês terão de ouvir... todo o mundo terá de ouvir... sangue, suor e lágrimas... foi isso o que o homem disse. De que valeu isso?

Aterrorizadas e ao mesmo tempo espantadas ante o delírio desta mente demente, as cinco pessoas fixaram os seus olhos em Wyckoff.

— Sou um ás com uma arma na mão. Quem me deu? Quem me disse que eu deveria usá-la? Quatro vêzes quiseram promover-me a oficial. Apenas fiz o meu trabalho. Vocês pensam que eu quis a medalha? Tinha de atravessar a praia e estava a apenas uns vinte-e-cinco metros de distância. Não havia muita cobertura, mas bastante...

★

Nessa ocasião, travava-se uma acalorada discussão, todos apresentando as suas sugestões de como se poderia salvar as cinco pessoas sem colocá-las em perigo maior. Keiver insistia que não deveria permitir que o dr. Faron fôsse ao encontro de Wyckoff. O zelador do edifício fôra chamado para dar explicações sôbre o sistema de refrigeração do edifício. Pretendia-se mandar um policial através dos canos de refrigeração, tendo-se a esperança de que Wyckoff pudesse ser morto através do aparelho de entrada de ar.

— Não gosto disso, Hank — disse ansiosamente Faron. — Se não der certo, é capaz de fazer Wyckoff perder o contrôle e fazer qualquer coisa.

— O que você sugere? — indagou Keiver sarcàsticamente. — Deveríamos sentar-nos, esperando até que êle se decida a sair?

Sob a antiga amizade dos dois homens havia uma diferença básica de pontos-de-vista. Keiver via a questão sob o prisma de um homem cujo dever era manter a lei para o bem da comunidade; Faron, mantinha o ponto-de-vista de um cientista. Se interferia em prol de Wyckoff não. Quando interferia em favor de Wyckoff não tinha em mente livrar a comunidade de Wyckoff, mas, simplesmente, livrá-lo de si mesmo. Wickoff era prisioneiro de seu espírito doente e sòmente um psiquiatra poderia devolvê-lo à comunidade como um elemento útil. Keiver não compreendia a questão e julgava que sòmente a cadeia poderia reajustá-lo. A tensão da situação fêz brotar esta diferença.

— Arrisquei as vidas de muitos homens para prender Wyckoff vivo da vez passada — Keiver relembrou a Faron. — Forneci provas insofismáveis ao promotor para o condenar para sempre. Foi nesse ponto que vocês resolveram meter-se e venceram. Wyckoff não foi executado. Condenado a três anos de cadeia, agora...

— A sua pena foi perpétua... para o bem da sociedade e para tratamento — Faron corrigiu-o. — Não mais executamos os doentes por que não mais vivemos na Idade-Média. Wyckoff nunca foi um indivíduo equilibrado. Aliás, de u'a maneira ou de outra a maior parte de nós também o é. Mas a intensidade das tensões, das circunstâncias transformaram êste garôto num assassino. Lutando contra a sua capacidade para funcionar normalmente, está tentando vencer a sua inferioridade, provando ao mundo hostil que é, na realidade, um herói. Lembra-se de que encontramos o seu quarto atulhado de armas e livros de guerra?

— Lembro-me — admitiu Keiver. — Mas, essas palavras bonitas não ajudaram de maneira alguma a solver o meu problema.

— Hank — disse Faron, quase implorando — eu o posso solver. Se eu lhe puder falar, tenho certeza que — como já fiz uma vez

(*Cont. na pág.* 30)

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

À venda também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



Tim Holt

(R.K.O.)

SUGESTÃO PARA O CARNAVAL

HEDDY LAMAR, da Paramount. Com esta fantasia, qualquer pequena arranja um Sansão.

11449-563

CARNAVAL

CHINESINHA

Marcha de UL Rabello (Barão) — Grav. de Jamelão

Vem chinesinha
Vem pra terra do café
E'. E'. E'. E'. E'. E'.
Vem chinesinha
Diga adeus ao lig-Lé.

Foi num cabaré
De Pekin eu encontrei
Uma chinesinha
E logo me apaixonei
Ela me deu um sorriso
Em troca eu dei um paraíso.



MARCHA DO NENÉM

Marcha de Klécius Caldas e Armando Cavalcânti — Gravação de Oscarito

Nhé! Nhé! Nhé! Nhé!
Faz o neném
Chegou a hora de mamar
Nhé! Nhé! Nhé! Nhé!
Faço também
Não vem ninguém me ali-
[mentar.
(Eu vou chorar)

Mamãe dizia que eu era um
[anjo,
Ninguém podia me ver cho-
[rar,
Porém, agora que eu sou
[marmanjo
Eu choro, choro, não vem
[ninguém me alimentar.
Nhé! Nhé! Nhé! Nhé!



HOLANDESA

Marcha de David Násser e Haroldo Lôbo — Grav. de Francisco Alves e Dalva de Oliveira

Ô... holandesa
Boneca de tranças
Não tens compaixão
O plac-plac do teu taman-
[quinho
Machuca o meu coração.

Holandesa, ô... ô...
Holandesa, ô... ô...
Eu quero te ver no verão,
Com teu lindo corpinho
Todo bem queimadinho,
Da côr do meu violão.

MEU MAIOR AMOR

Samba de Ismael Neto, Vitor Simão e Fernando Martins — Grav. de Os Cariocas

O meu maior amor
Não sabe o que perdeu
Perdeu, perdeu
Perdeu um grande
[amor
E êsse grande amor
[sou eu
} *Bis*

Eu sofri e não posso negar
[que chorei
Eu chorei mas me conformei
Muito pranto ela vai derra-
[mar
Pelo amor que perdeu
Vai sofrer, vai chorar.



GARÔTA BOA

Batucada de Saint-Clair Sena — Grav. de Oscarito

Garôta boa
Para mim não é rainha
Maior é aquela
Que abafa na cozinha.

Ai! ai! ai! amor
Ai! ai! ai! o flor

Mexe a panela
Mexe com vontade
Para eu ver de perto
A tua qualidade.
} *Bis*



SHOW DA CENTRAL

Marcha de Paulo Gesta, José Batista e Ari Monteiro — Grav. de Flora Matos

Lá na Central do Brasil
Eu vou me divertir, eu
[vou
} *Bis*

E' um trem que está atra-
[sado
E' um trem que não chegou
De manhã, de tarde, à noite
Todo dia tem um show.

Em Quintino e no Encantado
Não sei pra que parar trem
Pois o trem fica parado
Não sai nem entra ninguém.



TAMANDUÁ

Marcha de Max Nunes e Evaldo Ruy — Grav. de Neusa Maria

Tamanduá - e - i - -o - u
Não tem galinha nem pepino
[no menu
Tamanduá - e - i - -o - u
Se tem formigas êle come
[pra chuchu.

Tamanduá que é malandro e
[não se aperta
Se tem fome vai na certa for-
[migueiros procurar
Se no Brasil, eu chegar a
[mandar chuva
Em vez de criar saúva, vou
[criar tamanduá.



VOCÊ JÁ JUROU

Samba de Luiz Soberano e Edgard Freitas — Grav. de Orlando Silva

Você já jurou
se regenerar
mas me enganou
só me fêz chorar.

Será que você ainda espera
dêste outono primavera
tenho hombridade e capricho
não leve a mal
pra mim você
não tem mais valor.



QUEM BATE ESQUECE

Samba de Zeca do Pandeiro, Edgard e Marcelino Ramos — Grav. de Zé e Zilda

Me desprezou
Sem ter razão
Despedaçou
Meu pobre coração
Ai covarde
Arrependeu
O que fêz é tarde.

Se perdão tu deste
Minha jura ia quebrar
Quem bate esquece
Quem apanha tem que lem-
[brar.
Breck: Pode esperar.



GUARATINGUETÁ

Marcha de Luis Soberano e Avaré — Grav. de Demônios da Garoa

Em Guaratinguetá
Em Guaratinguetá
Mulher "boa" é, é um "chuá"
Em Guaratinguetá
Em Guaratinguetá
Se brinca até o sol raiar.

E' colossal!
Pois, vale tudo e ninguém
[leva a mal

Pra Guaratinguetá
A gente não paga trem
Almôço lá é de graça
Bebidas também...
Em Guaratinguetá
Quando é dia de festa
Nada se paga
Ninguém protesta.



E L A

De Badu e A. Passos — Grav. de Geraldo Pereira

Ela
Deixou tudo que eu dei
Foi embora com outro [ai
[meu Deus)
Para onde eu não sei.

Minha dor não tem fim
Só Deus é quem pode
Ter pena de mim
Não sou mau, não errei
Não mereço chorar
O que eu já chorei.

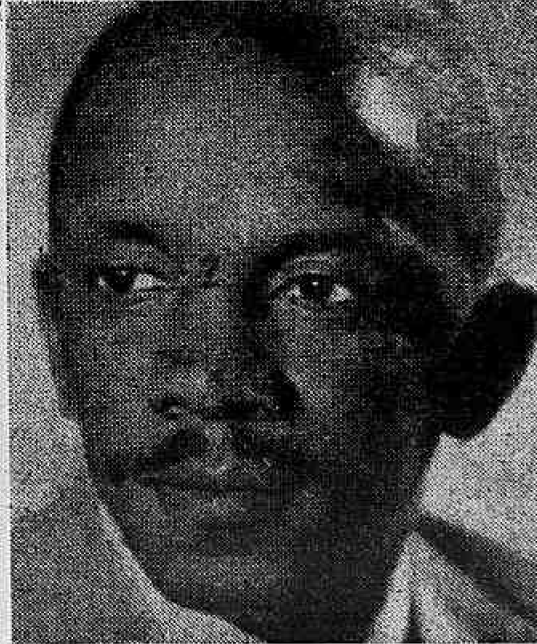
Ela deixou.



RUY REY
Precisa de uma babá



NEUSA MARIA
Precisa de um sítio



JAMELÃO
Precisa de um sorriso



ZÉ e ZILDA
Precisam de pancada



O FUGITIVO DE SANTA MARTA

RESUMO:

ENQUANTO alguns dos camponeses que trabalham na colheita das uvas ao pé da colina da agradável cidade de Santa Marta são forasteiros, contudo, a maior parte dêles habita a favela do outro lado da estação conhecida como «Buraco Preguiçoso». Êles são pacificos e cumpridores da lei, mas devido a uma luta ocasional ali ocorrida, o lugar adquiriu má fama. Quando promovem um baile no salão de festas do «Buraco Preguiçoso», a polícia manda dois carros-patrulha para o caso de haver algum barulho.

Larry Wilder, antigo correspondente ambulante e atualmente editor proprietário do jornal da cidade, «A União», achando que poderá surgir uma história para escrever sôbre a festa, comparece à mesma. Lá êle vem a conhecer a encantadora morena, Sunny Garcia, que ajuda seu pai a dirigir uma pequena tipografia onde se edita um semanário em lingua espanhola. Sunny é a predileta entre os residentes do «Buraco Preguiçoso» e amiga de dois jovens fruticultores, Paul Rodriguez, que conta 19 anos e seu companheiro Lopo Chavez. Nem Paul nem Lopo são desordeiros, mas quando vários rapazes da cidade que andam à cata de divertimentos, inclusive os jovens Harry Pawling e Joe Ferguson — com os quais Paul e Lopo já tiveram uma briga —, invadem o baile, uma luta se estabelece e se transforma num tumulto juvenil.

A polícia aparece e Paul, meio cego por um sôco de Joe, acidentalmente derruba um policial chamado Peters. Amedrontado, Paul foge e a fim de escapar da perseguição do irritado Peters, rouba um caminhão de sorvetes. Nos

Título original:

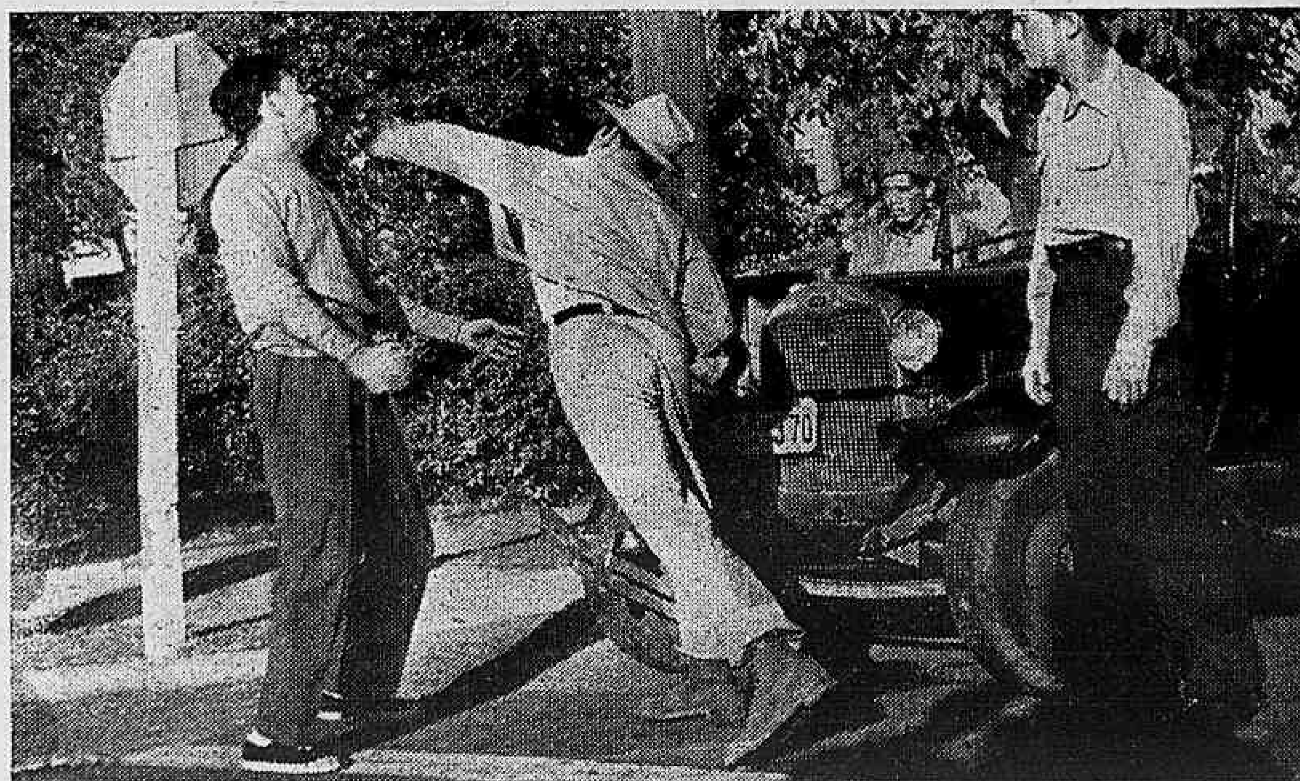
THE LAWLESS

PERSONAGENS:

Larry Wilder	MAC DONALD CAREY
Sunny Garcia	GAIL RUSSELL
Joe Ferguson	JOHNNY SANDS
Jan Dawson	LEE PATRICK
Ed Ferguson	JOHN HOYT
Paul Rodriguez	LALO RIOS
Lopo Chavez	MAURICE JARA
Jim Wilson	WALTÉR REED

Direção de Joseph Losey

Sereenplay de Geoffrey Homes









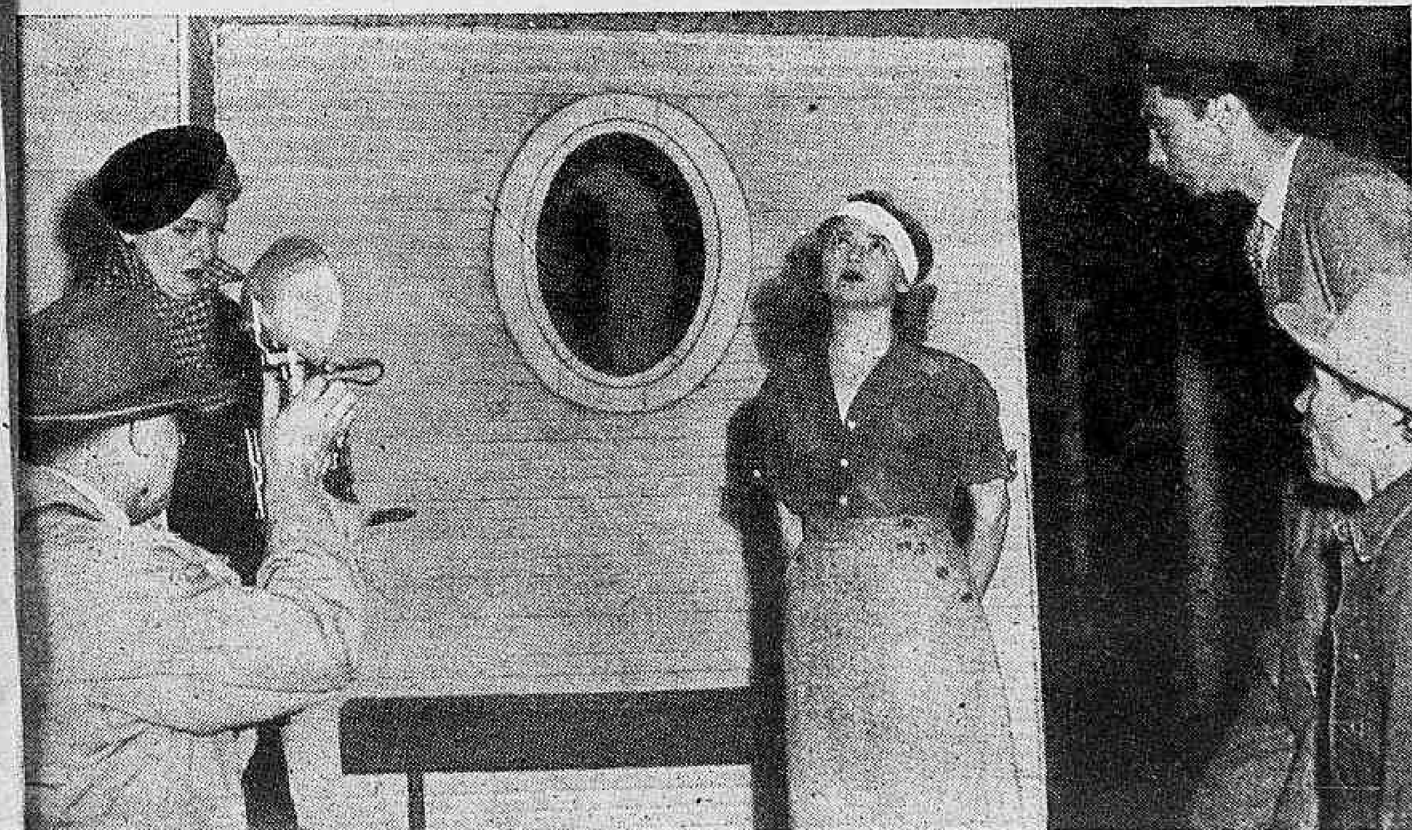


arredores da cidade êle abandona êsse carro por um coupé o qual dirige em direção ao pé da colina, perseguido furiosamente pelos dois carros da polícia.

De volta a Santa Marta, a polícia reuniu os provocadores do tumulto e os colocou na cadeia. Os jovens Harry Pawling e Joe Ferguson estão entre os presos, mas são logo libertados pela fiança dos seus pais. Ferguson, um bom negociante, possui uma grande simpatia pelos habitantes do «Buraco Preguiçoso» e igualmente paga a fiança de Lopo e dos demais rapazes.

Nesse meio tempo Paul já se rendeu a perseguição da polícia e com dois dêles. Boswell e o policia Peters, parte de volta pela estrada da montanha. Há um acidente e Boswell é morto sob a roda do carro. Peters, vingativamente, acusa Paul de haver causado isso e o rapaz, aterrorizado, foge novamente. As notícias da morte de Boswell e da fuga de Paul criam um ambiente de furor em Santa Marta — e Paul, já acusado de haver resistido a um policial de grande roubo, torna-se um fugitivo e sujeito a uma cerrada perseguição. Jornalistas e repórteres, inclusive Jan Dawson, amigo de Larry, e as estações de rádio e televisão de lugares distantes como Sacramento e Stockton, vêm a Santa Marta transmitir os detalhes da caçada humana. Notícias várias se espalham pela cidade — rumores exagerados de que Paul atacou a filha de um fazendeiro e que tentou matar um outro fazendeiro. Êle é acusado de nada — mas essa é a sua palavra contra a dêles, e quando é finalmente capturado e mandado para Santa Marta, reina ali uma grande agitação. Apesar de terem forçado Larry a evitar que os ra-

(Cont. na pág 30)





ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANETA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.

★

E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".

★

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL
P R E Ç O : — Cr$ 20,00

★

ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

★

CIA. EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
— RIO DE JANEIRO —

O FUGITIVO DE . . .

(Cont. da pág. 29)

pazes da cidade se envolvessem nessa desagradável missão do jornal, êle, convencido por Sunny (por quem está apaixonado) que o povo de «Buraco Preguiçoso» merece auxílio, inicia uma campanha em defesa de Paul. Larry ajuda a salvar Paul de uma multidão chefiada por uns exaltados e em retribuição êstes quebram a redação e oficinas do seu jornal e ferem o jovem Lopo durante a briga. A lei e a ordem são finalmente restabelecidas. Mas Larry, desgostoso, está pronto para ir embora. Sunny e Ferguson — que prestam fiança e fornecem um advogado a Paul —, persuadem Larry a ficar e começar outro jornal, porque Santa Marta necessita dele, e de Snny também...

A HORA VIOLENTA

(Cont. da pág. 24)

— conseguirei derrubá-lo. Posso fazer-lhe sentir o choque da realidade. Admito que seja arriscado, mas é para isso que também sou pago. E' minha responsabilidade.

Keiver deu a ordem para introduzir o guarda no condutor de ar. Murmurou para Faron: — "Lamento, John, mas é tarde de mais". O chefe de polícia não sabia quanta verdade as suas palavras encerravam, pois, Wyckoff, descobrindo a trama, atirou no condutor de ar, atingindo o policial.

Após dar os dois tiros, o jovem cirminoso começou a gritar selvagemente:

— Nunca me apanharão. *Eu sou Gunther Wyckoff*. De um a um matarei todos êles!

Um chôro histérico engolfou Helen e quando Wyckoff abria a bôca para lhe falar, notou que uma estação de televisão estava reportando o caso. Os seus olhos pularam para o receptor de televisão no bar e ordenou a Skip que o ligasse.

O locutor apontava para três policiais: Capitão Keiver, Tenente Tallman e o psiquiatra John Faron.

"O dr. Faron e o capitão Keiver parece que se encontram empenhados numa pequena discussão" — um olhar de ódio desafiador resvalou pelas feições de Wyckoff. — *Gostaria que vocês pudessem ouvir a conversa, mas isso não é permitido. Bem, parece que o dr. Faron perdeu a discussão..."*

— Não vão deixá-lo vir aqui! — gritou Helen.

— Eu sei de que maneira mudarão de idéia, Wyckoff — sugeriu Harry. — Uma autoridade mais alta. Temos de forçar a mão de Keiver. A imprensa — o poder do povo — o *meu* jornal. Se êle se recusar isso o arruinará —Wyckoff soergueu o olhar. — Telefonarei ao secretário dos assuntos da cidade e lhe direi o que você deseja.

— Está certo, está com tôda a razão! — ajuntou Earl, concordando incondicionalmente...

Com um olhar feroz em direção à tela, onde Tallman e Keiver eram mostrados afastando-se de Faron, Wyckoff disse, finalmente:

— Diga ao chefe o que eu desejo... e a ninguém mais. E' melhor ter muito cuidado.

Enquanto Harry nervosamente discava o número do jornal e o telefone tilintava, recrudesceram as esperanças das outras pessoas. No entanto, um repórter, certo de que Harry havia andado bebendo, persuadiu o chefe a não atender o telefone, pois sabia que se êle o atendesse Harry perderia um bom emprêgo.

— Êle está muito ocupado, Harry — respondeu a voz da secretária. Falará com você de manhã. E' bom que você tome leite quente...

★

Keiver acabara de tomar a sua decisão. Bruscamente deu as ordens necessárias, enquanto Faron exigia o direito para fazer o seu trabalho.

— Você já o fêz há três anos atrás! — retorquiu Keiver àsperamente. — E isso vai ser um bocado difícil de explicar à viúva de um policial — Keiver se referia à espôsa do guarda que tentara chegar até Wyckoff pelos condutores de ar, daí retirado quase morto e que, com tôda a certeza, nunca alcançaria o hospital. Como todo homem de mentalidade comum, Keiver era dominado pelo desejo de vingança. Deixando o médico bastante magoado, retirou-se vagarosamente. Decididamente, o dr. Faron se encaminhou em direção ao bar...

Um murmúrio excitado criou forma no meio da multidão.

— John... — gritou Keiver. — John, volte! — mas o doutor continuou com o passo firme e com sòmente um desejo no coração.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

---

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



LUSTRES DE CRISTAL

de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO — FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428

JUNTO AO TÚNEL NOVO

Wyckoff destrancou a porta, admitindo o médico.

— Tentei vir aqui mais cedo — começou calmamente o dr. Faron. — Abaixe esta arma... E' incômodo falar com uma arma apontada para a gente.

— Não, doutor. Conversamos, mas não somos amigos.

— Então por que você queria falar comigo?

Houve uma curta pausa.

— Por que tenho de matá-lo — retrucou Wyckoff. — Pensou que me tinha enganado, não pensou, doutor? Disse que ia ajudar-me, mas não me enganou, pois sei que lhes contou tudo e, por isso, êles me mandaram para longe. Mas não o farão de novo, nunca!

— A não ser que você me ajude, Gunther, êles o matarão. Gunther, abaixe esta arma!

— Não — Wyckoff acariciou o revólver nervosamente com o polegar. — Foram êles que me deram, dizendo que eu devia matar. Agora querem deter-me. Êsse é um êrro dêles, não é doutor?

A voz de Faron era calma, mas as suas palavras estavam carregadas de firmeza.

— Não, Gunther. Já encaramos a mesma coisa antes. E' errado matar! Você sabe disso tôda a sua vida, desde quando era garotinho. Aprendeu de seus pais, de seus professôres nas escolas que freqüentou, de sua própria consciência. Tudo o que você tem feito lhe diz que, aos olhos de Deus, é errado matar.

— Houve uma guerra... Deram-me um uniforme...

— Sim — redarguiu Faron. — Houve uma guerra, *mas você não tomou parte nela!* — a expressão de Wyckoff não escondia a intensidade do golpe que lhe fôra desferido pelo médico. O ódio incendiou os seus olhos mais uma vez. Um ódio assassino e selvagem. — Você nunca foi soldado, embora tenha sido convocado e tivesse vontade de ir. *Mas você foi rejeitado.*

— E' melhor calar-se, doutor!

Mas Faron prosseguiu, ignorando a advertência de Gunther.

— Não lhe foi possivel encarar o fato de ter sido rejeitado. Perdeu a cabeça! Você matou, Gunther! E, então, para justificar o que tinha consciência de que era errado, inventou um sonho. Fêz-se acreditar que era um soldado... porque os soldados são as únicas pessoas a quem é permitido matar sem cometer um crime. E' um sonho, Gunther. Você tem de o encarar...

Wyckoff apertou o revólver. Antes de apertar o gatilho o seu rosto se encandesceu com um brilho assassino, seguido do estampido sêco de um tiro que prostrou o médico. O rosto de Skip estava vermelho de raiva. Freddy fitou os olhos fascinada no espelho do bar, onde via refletido o cabo de um revólver.

— O doutor mentiu, mas todos vocês acreditaram... —

— Ouça-me, meu filho — interveio Harry, tentando parecer calmo — o dr. Faron está morto e foi você quem o matou. Foi por isso que você veio para Terminal City, não foi? Não é necessário matar a todos nós.

— Vocês escutaram o que êle disse... vocês são todos iguais... Não têm uma razão para viver!

De repente, as luzes se apagaram e ouviu-se o barulho de alguém que se arrastava. Um tiro cortou a escuridão e uma faixa de luz penetrou no bar através da janela. Lentamente, Wyckoff se levantou, cambaleando através da faixa de luz, com o revólver contra o estômago, gemendo de dor:

— Ninguém tem direito de me ferir!

Atrás do bar, com o revólver que pertencera a Chuckles, Freddy olhava à frente, fixamente. Seguiu-se uma terrifica explosão. A porta do bar foi arrancada de suas dobradiças, sendo reduzida a uma centena de pedacinhos. A policia correu para o bar, enquanto Wyckoff espantava alguns agentes da lei com os seus tiros. Caiu pelos degraus e, na rua, foi reduzido à condição de um animal prêso numa armadilha, pois, as luzes dos holofotes o ofuscaram, deixando-o completamente atarantado. Uma rajada de bala tirou o hálito de vida daquele que havia sido Gunther Wyckoff...

Skip gritava alegremente ao telefone:

— Oito libras! — virou-se para Harry, que lhe tomou o telefone. — E êle disse que eu não tinha razão para viver!

Keiver e Tallman olhavam o corpo de seu colega John Faron.

— Até aonde precisa um homem ir para provar que está direito! — murmurou tristemente Keiver.

Helen, apoiando-se em Earl, que em vão procurava conformá-la, soluçava histèricamente, querendo voltar para casa. Freddy já estava tomando os seus três martinis usuais para curar a sua ressaca. Ao telefone, Harry ditava a sua história ao próprio "imperador", com quem conseguira falar.

Do lado de fora, a policia eficientemente dispersava a curiosa multidão, e já recomeçara a vida noturna comum da cidade.

Era pouco mais de nove horas em Terminal City e apenas numa hora violenta — nesse curto espaço de tempo — quatro pessoas haviam perdido as suas vidas. Mas, o coração da cidade não tinha deixado de dar uma só pulsação...

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e enderêço certos a que as mesmas se destinam.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



MICHELE MORGAN

MICHÈLE MORGAN nasceu em Paris, França, a 18 de março de 1920, com o nome de Simone Roussel. Estudou em Dieppe e numa escola dramática de Paris. Entrou para o cinema em 1936. Daquela data até hoje já apareceu nos seguintes filmes: «Le Mioche», «Mulher Fatal», «Veneno», «Cais das Sombras», «Músicos do Céu», «L'Entraineuse», «Recife de Coral», «A Lei do Norte», «França Eterna», «E as luzes brilharão outra vez», «Two tickets to London», «Higher and Higher», «Passagem para «Marselha», «Sinfonia Pastoral», «A Senda do Temor», «Fabíola», «A Bela de Paris» e «Aux veux du souvenir». Michèle Morgan é casada com Henri Vidal, ator. Já filmou na França, nos Estados Unidos, na Itália, na Grã-Bretanha. E entre os seus galãs mais famosos estão Charles Boyer, Jean Gabin, Pierre Richard-Willm, Frank Sinatra, Humphrey Bogart, Paul Henreid, Pierre Blanchar, Robert Cummings, Henri Vidal e Jean Marais. Os três últimos filmes de Michèle mencionados na relação acima são apresentados no Brasil pela Art-Films.



PIERRE BRASSEUR, cujo verdadeiro nome é Pierre Espinasse, nasceu em Paris, França, em 1905. Foi aluno de Harry Baur. Desde os 16 anos está no teatro e no cinema (1925). E' também dramaturgo. Da sua meia centena de filmes (silenciosos e falados) apenas alguns foram exibidos no Brasil. Citam-se da lista os mais famosos: «Un rêve blonde», «Eu e a Imperatriz», «Café de Paris», «Cais das Sombras», «Senhorita Minha Mãe», «Viciada», «Lumière d'eté», «O Boulevard do Crime» (um dos seus melhores papéis com o célebre Fréderick Le-Maitre), «Les portes de la nuit» e finalmente «Rocambole», o filme mais importante de tôda a sua carreira, em que aparece na pele do conhecido personagem criado pela imaginação fabulosa de Ponson du Terrail, filme que veremos muito breve em distribuição da Art-Films. Pierre Brasseur é conhecido por sua elegância e galanteria na tela como fora dela... Michele Morgan, Danielle Darrieux, Jacqueline Delubac, Arletty e Sophie Desmarets foram algumas das estrêlas cortejadas por êle no cinema.



PIERRE BRASSEUR



SPINA

O interessante comediante cujo verdadeiro nome é Antônio Špina é natural da cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil, onde nasceu a 31 de janeiro de 1916. Desde criança organizava representações teatrais, montando a seu modo peças inventadas pela garotada mesmo. Em 1941 chegou ao Rio, atraído pelo fascínio que exerce a Cidade Maravilhosa em qualquer brasileiro da província. Estreou na Companhia Alda Garrido que a essa época fazia revista no Teatro João Caetano. Assim começou uma carreira brilhante que dia a dia vem sendo acrescida de novas conquistas. Modesto, recatado, trajando com sobriedade, sem ostentação, Spina é de estatura mediana, magro, de olhos grandes e voz macia. Nunca se altera, é homem de poucas palavras revelando um temperamento tímido. Já apareceu em alguns filmes nacionais, mas o «O Meu Dia Chegará» é que revelará a medida do seu grande talento. Aparecendo como um marido «massacrado» pela mulher, que um dia descobre uma fórmula infalível para dominá-la, Spina compõe um tipo de inexcedivel comicidade, conseguindo a sua consagração como astro de primeira grandeza.

A louríssima patinadora-de-gêlo, Miss Sonja Henie, nasceu em Oslo, Noruega, a 8 de abril de 1913. Tem olhos azuis e é rechonchudinha, se vocês me entendem... Patina tão bem quanto Esther Williams nada... Foi campeã olímpica. Entrou para o cinema em 1937, trabalhando durante muito tempo para a Fox. Depois apareceu em um filme na RKO Rádio e em outro na Universal-International. Está afastada dos estúdios há dois anos, cuidando sòmente do seu grande parque de patinação e dos espetáculos milionários do gêlo, de que é a primeira figura, e proprietária. A relação completa dos seus filmes é a seguinte: «A Rainha do Patim», «Feliz Aterrissagem» (1937); «Minha Boa Estrêla», «Ela e o Príncipe» (1938); «Idílio nos Alpes» 1939); «Dúvidas de um Coração» (1940); «Quero casar-me contigo» (1941); «Bodas no Gêlo» (1942); Flor de Inverno» (1943); «E' um Prazer» 1945); «A Condessa de Monte Cristo» (1949). Sonja Henie já foi cortejada no cinema por Tyrone Power, Don Ameche, Richard Greene, Robert Cummings, Ray Milland, John Payne, Cornel Wilde, Michael O'Shea, etc.



SONJA HENIE

AVISO AOS NAVEGANTES

(Cont. da pág. 9)

va viajando incógnito. Para isso, tinha dois passaportes, um falso e outro com seu verdadeiro nome. Mas, Cléia recusa o convite. O príncipe retirando-se muito triste e acaba esquecendo o seu verdadeiro passaporte no camarote de Cléia.

Naquela noite estava Cléia no seu camarote, preparando-se para a festa, quando tem uma surprêsa. Descobre Frederico oculto dentro de uma mala-armário. Êle conta tudo o que se passara com êle... Pretendia viajar como clandestino, mas fôra descoberto pelo cozinheiro, que agora o escraviza, impondo-lhe todos os serviços pesados. Estava cansado de ser explorado na cozinha. Cléia fica atrapalhada. Faz-lhe ver que êle, alí, no seu camarote, a comprometia... Nisto Alberto, que vinha buscar Cléia para a festa, ouve uma voz masculina dentro do camarote da moça... O diálogo que lhe chega ao ouvido parece algo comprometedor pela intimidade que revela entre Cléia e o desconhecido. O imediato fica triste. Julga ter sido enganado pela jovem, e se afasta discretamente.

Cléia pede a Frederico que saia do seu camarote, mas o rapaz lhe faz ver que é um clandestino. Suplica-lhe que o deixe ficar ali mesmo, escondido na mala-armário. A jovem fica com pena e consente afinal... Estranha a demora de Alberto, que prometera vir buscá-la, mas quem aparece é Adelaide, que lhe conta, muito agitada, ter visto o imediato namorando no salão de festas aquela loura que andava dando em cima dêle, a tal Jane... Cléia não quer acreditar, mas Adelaide fala com tanta convicção que ela acaba convencendo-se de que Alberto quisera apenas se divertir à sua custa... Adelaide sai estabanada como sempre, e Cléia fica no camarote, tristonha... Abre a mala-armário, e conta as suas máguas a Frederico. Êste a aconselha a tomar umas bebidas para esquecer o ingrato. A jovem aceita e principiam a beber... Depois de algum tempo, já estão «altos» e resolvem ir à festa. Cléia descobre o passaporte que o príncipe esquecera no camarote, e entrega-o a Frederico, e lá se vão os dois para o salão de festas, dispostos a fazer misérias.

A entrada de Frederico e Cléia no salão de festas foi realmente sensacional. Quando Frederico apresentou o passaporte do príncipe, então o reboliço foi medonho. As velhas damas suspiraram de gôzo... Um príncipe! Cléia e Frederico, sob os efeitos do álcool, principiaram a dançar. Cléia, num dado momento, apanha um charuto, tira uma fumaça e dá uma baforada no rosto de Jane, que estava ao lado de Alberto. Mas uma solteirona, uma certa Filomena, que estava por perto, fica histérica ao ver Frederico metido na «pele» do «príncipe» Suave... Persegue-o furiosamente, e o rapaz para se livrar de suas carícias, mete-se no primeiro camarote que encontra. De repente, ouve alguém forçar a porta. Mete-se entre os lençóis da cama. Entra o professor Scaramouche, e vendo alguém na cama pensa tratar-se de sua espôsa. Conta então as suas apreensões. Deviam ter recebido alguma comunicação a bordo. Aquela história da festa com passaportes servindo de ingressos, estava parecendo uma armadilha... Frederico ouve trêmulo de medo aquela estranha confissão... Sim... era o mágico... era o professor Scaramouche o espião escondido a bordo.

Aproveitando um momento em que Scaramouche se dirige para o banheiro, Frederico pula da cama e se prepara para fugir... Mas quem entra, desta vez, é a espôsa do mágico. Frederico esconde-se entre os lençóis da outra cama. A espôsa vai para trás do biombo e começa a despir-se. O professor volta do banheiro e fala com a espôsa. Faz referências a uma rumbeira que fazia parte da orquestra de bordo. Ela devia receber os planos. Frederico aproveita um momento de distração do mágico para escapulir, mas êste o vê e sai em sua perseguição...

Frederico vai correndo contar a «Bagunça» o que se passa. Vão os dois avisar Cléia, e decidem ir ao porão examinar a bagagem do mágico. Os acontecimentos se precipitam. Alberto encontra os planos do espião, que Frederico trouxera, no camarote de Cléia. Pensa que a moça é a cúmplice do espião e procura esconder os documentos... No porão, o mágico surpreende os dois e os hipnotiza... Faz com que êles se afastem dali e depois de também hipnotizar Cléia, incute-lhe na mente que ela é espiã, que ela vai se suicidar... obrigando-a antes a escrever um bilhete, confessando que trabalha para o espião, mas negando-se a revelar o nome dêste... Alberto, por sua vez, é chamado ao comando. Suspeitam que êle está encobrindo alguém... a moça por quem está apaixonado. Mas Alberto nega-se a denunciar Cléia, e é posto a ferros. Nisso, Frederico e «Bagunça» vão procurá-lo e contam que Cléia está em perigo. Ajudam Alberto a fugir e êste, após lutar com os marinheiros que tentam detê-lo, corre para o porão. Chega a tempo de Salvas Cléia das garras do mágico. Desmascara o espião. Entrega-o ao comandante. Reabilita-se e desfaz o equivoco que havia entre êle e Cléia. Ambos se amam e vão casar assim que desembarcarem no Rio. Quanto à Adelaide conseguiu atrair a atenção do príncipe e tudo indica que ela acabará mesmo princesa de um pais qualquer do Oriente...

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Juventude Alexandre
BELEZA & VIGOR DOS CABELOS
Super eficaz contra
QUÉDA DOS CABELOS

Pausa para meditação



DEBBIE RAYNOLDS — (Metro)

Notícias

— Busby Berkley foi contratado pela RKO Rádio para dirigir os números de baile da luxuosa revista musical cinematográfica «Two Tickets to Broadway», em tecnicolor.

Os números dançantes de Berkeley constituirão parte da revista, a qual também incluirá os três números que Marge e Gower Champion ensaiaram com Janet Leigh e Tony Martin antes de serem chamados aos sets da MGM para figurar em «Showboat», de acordo com um compromisso anterior.

Berkeley tem a distinção de ser um dos mais competentes inovadores em montagem de números dançantes para a tela. Há pouco, dirigiu as rotinas de baile de Betty Grable e Dan Dailey, para a 20th Century-Fox, em «Call Me Mister», e em «Two Weeks with Love», para a MGM.

A rodagem do «Two Tickets to Broadway» foi há pouco iniciada, sob a direção de James V. Kern.

Com essa revista musical, a RKO renova a série de grandes filmes do gênero de «Voando para o Rio», «Roberta», e outras.

★

Jim Arness foi contratado para desempenhar um dos papéis de «The Thing», produção da Winchester Pictures. Essa realização de Howard Hawks, produzida independentemente para a RKO Radio, acaba de entrar em filmagem, sob a direção de Christian Nyby.

Arness é o primeiro artista contratado para trabalhar nesse filme, cujo elenco será constituido de artistas inteiramente desconhecidos do público. Os produtores acham que a história terá maior interêsse, sendo apresentada com artistas novos. Arness, embora desconhecido, já apareceu em outros filmes, como, por exemplo ,«She Wore a Yellow Ribbon», de John Ford.

Nyby também faz sua estréia como diretor nessa película, embora seja um veterano na indústria do cinema, em que vem trabalhando há 23 anos. Tem sido considerado um dos melhores compiladores de filmes de Hollywood, e recebeu menção da Academia pelo seu trabalho no filme «Red River», outra produção de Hawks.

★

Hollywood, Cal. — Cinco artistas favoritos da RKO Radio, Joseph Cotten, Paul Stewart, Howard Petrie, Jack Paar e John McIntire, aparecem juntos na película «Walk Softly, Stranger». Todos êles, favoritos do rádio: Para, como famoso mestre de cerimônia, Cotten com mais de 2.500 programas, e Stewart com uma carreira que data de 1932. Petrie e McIntire estão ativos atualmente, em programas radiofônicos.

★

Weidman atualmente está escrevendo, também para Wald & Krasna, outra história intitulada «Size 12», que tem como tema a indústria dos vestidos.

A filmagem de «Six Weeks Wait» (Seis semanas de espera — tempo exigido em certos Estados da América do Norte para se iniciar uma ação de divórcio) exige um elenco de nove artistas de primeira água, seis atrizes e três atores. Não se sabe ainda quais serão os artistas escolhidos.

Aguardem o

ANUÁRIO DO

ESPORTE Ilustrado

DE 1951

que já está em confecção,
trazendo todo o movimento
esportivo do ano

*

O mais completo no genero

AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL — APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

CASAS ROULIEN

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00 enviaremos um colar com linda medalha de prata, com gravação de um verso religioso

Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950. por precode reclame.

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artistico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho.

Compre para **V.S.**, seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.

34188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00

34189 – CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00

34187 – SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM!.. Cr$ 425,00

34161 – EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00

34191 – DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia — Cr$ 575,00

Cr$ 595,00

34186 SENSACIONAL!... MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada. Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00

34185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00

34111 – LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Envie-nos medida do pulso. Cr$ 489,00

UM ENCANTO DE JOIA

LINDO!... COM RUBINS E SAFIRAS

34184 – DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações, Cr$ Cr$ 655,00

34139 – Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 198,00

34183 – MARAVILHOSO. ANTI-MAGNETICO, para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00

31180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envie-nos a medida do pulso Cr$ 133,00

34144 – DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00

34099 – ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça — Cr$ 125,00

34100 – DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.

34174 – ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANÉIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.

34172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ Cr$ 101,00 Par Cr$ 195,00

34159 – DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo

34165 – LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo, em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00

34162 – ANEL em prata de lei, com a estrêla da República em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00

34163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

34170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia — Cr$ 122,00

34140 COLARES DE PÉROLAS — Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00
34141 Com duas voltas Cr$ 89,00
34142 Com três voltas Cr$ 136,00

34107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00

ACEITAMOS REPRESENTANTES IDÔNEOS E COM ÓTIMAS REFERÊNCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.

34203 – DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00

EMBELEZE O SEU RELÓGIO COM UMA LINDA PULSEIRA

34167 – DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeirissima qualidade — Cr$ 95,00

34192 – DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia. Cr$ 172,00

34169 – BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JÓIA.

34693 – MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia, com cravação de rubis. Cr$ 299,00 Não confundir com imitações.

34108 – VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legitimo ouro Com cinco voltas ..... Cr$ 295,00

As **CASAS ROULIEN** Garantem aos seus fregueses, preços mínimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. **PEDIDOS AS CASAS ROULIEN** Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 1.º e 2.º Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - **TEL. 49-0419**

não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo ha mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos.

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUEZES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM A DOMICÍLIO — FONE 49-0419